



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

50
1956
2006
anos

O ESTADO DO MUNDO



SIMPÓSIO **A RECONSTRUÇÃO DO PASSADO – DO BIG BANG À LINGUAGEM**
CICLO **CINEMA PORTUGUÊS – ANOS GULBENKIAN**
CONFERÊNCIA **MICHEL WIEVIORKA EM LISBOA**

ÍNDICE

OLHAR O ESTADO DO MUNDO EM CANNES	2
CINEMA PORTUGUÊS – ANOS GULBENKIAN.....	3
MANOEL DE OLIVEIRA APOIADO PELA FUNDAÇÃO	4
A RECONSTRUÇÃO DO PASSADO – DO BIG BANG À LINGUAGEM.....	5
EXPOSIÇÃO 50 ANOS DE ARTE PORTUGUESA	6
QUATRO CANDIDATOS AO GULBENKIAN PRIZE	7
CENTRO CULTURAL DE PARIS HOMENAGEIA ARSHILE GORKY.....	9
WORKSHOP DE PINTURA E DESENHO NO MUSEU GULBENKIAN	9
CLÁSSICOS NA GULBENKIAN: MECENAS, MECENAS.....	10
MICHEL WIEVIORKA EM LISBOA.....	11
COLÓQUIO-LETRAS	
EDIÇÃO DUPLA DEDICADA A DAVID MOURÃO-FERREIRA.....	12

DESTAQUE

O ESTADO DO MUNDO.....	13
------------------------	----

BREVES

CRUZ VERMELHA PORTUGUESA DISTINGUE FUNDAÇÃO.....	24
AJUDA A MOÇAMBIQUE	24
FUNDAÇÃO ATENTA AO “ROTEIRO PARA A INCLUSÃO”.....	24
ONGD PORTUGUESAS: MAIS SOLIDARIEDADE UE-ÁFRICA	25
PROGRAMA GULBENKIAN AMBIENTE ABRE DOIS CONCURSOS.....	25
EMÍLIO RUI VILAR NAS TERTÚLIAS DO CASINO DA FIGUEIRA	25
LANÇAMENTO DO SITE DA BIBLIOTECA PARTICULAR DE CALOUSTE GULBENKIAN.....	26
MAIS ARTE E CULTURA NA ESCOLA.....	26

LIVROS	27
--------------	----

Um ROSTO DA BIOLOGIA

ROSSANA HENRIQUES	28
-------------------------	----

Um ROSTO DA JOALHARIA

MARGARIDA MATOS.....	29
----------------------	----

UMA OBRA DO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

VASO GREGO: CALYX-KRATER	30
--------------------------------	----

UMA OBRA DO CAMJAP

MANUEL ROSA, S/ TÍTULO (BARCO PARTIDO).....	31
---	----

UMA OBRA DA BIBLIOTECA DE ARTE

LES ÉLÉGIES MAJEURES DE LÉOPOLD SÉDAR SENGHOR.....	32
--	----

AGENDA	33
--------------	----

PUBLICAÇÕES	35
-------------------	----

NEWSLETTER Nº 83. Maio. 2007

ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação da Fundação Calouste Gulbenkian

Av. de Berna, 45 A – 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00, fax 21 782 30 27
info@gulbenkian.pt, www.gulbenkian.pt

REVISÃO DE TEXTO Rita Veiga

DESIGN José Teófilo Duarte | Eva Monteiro [DDLX]

IMPRESSÃO Euroscanner

TIRAGEM 12 000 exemplares

OLHAR O ESTADO DO MUNDO EM CANNES

Os filmes encomendados pela Fundação para o ciclo de cinema *Olhar o estado do Mundo* vão ser exibidos na Quinzaine des réalisateurs do Festival de Cannes, no dia 24 de Maio, às 17h. São seis as obras, com cerca de 15 minutos, que pintam diferentes quadros do mundo: *Germano*, de Vicente Ferraz (Brasil); *One Way*, de Ayisha Abraham (Índia); *Brutality Factory*, de Wang Bing (China); *Luminous People*, de Apichatpong Weerasethakul (Tailândia); *Une rue à Paris*, de Chantal Akerman (França); e *Tarrafal*, de Pedro Costa (Portugal). A estreia em Portugal será a 16 de Junho, às 21h30, com repetição a 17 de Junho, às 17h30, no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian. O fórum cultural *o estado do Mundo*, agora na sua segunda plataforma, reinicia-se este mês (ver página 13). ■



CINEMA PORTUGUÊS ANOS GULBENKIAN



VILARINHO DAS FURNAS

ANTÓNIO CAMPOS

6 de Maio de 2007 | 15h30 | Grande Auditório

O cinema regressa ao grande ecrã da Fundação durante o fim-de-semana de 5 e 6 de Maio. Depois do ciclo Como o Cinema Era Belo, é a vez dos filmes apoiados pela Fundação Gulbenkian no início da década de 70, data da criação do Centro Português de Cinema. Os anos de viragem para o Cinema Novo, como ficou conhecido, marcam uma nova era na produção cinematográfica portuguesa e constituem o impulso para o surgimento de novos cineastas. No sábado, 5 de Maio, a mostra começa com a longa-metragem de Alfredo Tropa – *Pedro Só*, concluído em 1970, seguindo-se os filmes de Fonseca e Costa, Paulo Rocha e Manoel de Oliveira, todos de 1971. No domingo serão exibidos os filmes de João César Monteiro, António Campos e António-Pedro Vasconcelos. À semelhança do anterior, este ciclo será exibido no Grande Auditório, como parte integrante das comemorações do 50º aniversário da Fundação, organizado em colaboração com a Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema. No dia 11 de Maio, às 15h30, o Auditório 3 será palco de um debate sobre o Cinema Português, moderado por António Roma Torres. Os convidados para a discussão sobre o passado e o presente da nossa cinematografia são os realizadores Fernando Lopes e Paulo Rocha, o crítico de cinema João Lopes e o professor universitário Abílio Hernandez Cardoso. ■



PEDRO SÓ

ALFREDO TROPA

5 de Maio de 2007 | 15h30 | Grande Auditório



O RECADO

JOSÉ FONSECA E COSTA

5 de Maio de 2007 | 18h30 | Grande Auditório



QUEM ESPERA POR SAPATOS DE DEFUNTO MORRE DESCALÇO

JOÃO CÉSAR MONTEIRO

6 de Maio de 2007 | 15h30 | Grande Auditório



A Pousada das Chagas

PAULO ROCHA

5 de Maio de 2007 | 21h30 | Grande Auditório



PERDIDO POR CEM, PERDIDO POR MIL

ANTÓNIO-PEDRO VASCONCELOS

6 de Maio de 2007 | 18h30 | Grande Auditório



O PASSADO E O PRESENTE

MANOEL DE OLIVEIRA

5 de Maio de 2007 | 21h30 | Grande Auditório

MANOEL DE OLIVEIRA APOIADO PELA FUNDAÇÃO

O novo filme de Manoel de Oliveira *Cristóvão Colombo* – *O Enigma* recebeu um apoio de 200 mil euros da Fundação Gulbenkian. Rodado em Castro Marim, nos Estados Unidos e na ilha de Porto Santo, o filme parte da tese de que Colombo era um navegador português. Manoel de Oliveira diz que “não se trata nem de um filme científico ou histórico, nem de carácter propriamente biográfico, mas sim de uma ficção de teor romanesco, evocativa da grandiosa gesta dos Descobrimentos Marítimos”. Outro filme de Oliveira, *O Improvável não É Impossível*, realizado para assinalar os 50 anos da Fundação Gulbenkian continua a sua digressão pelos festivais de cinema do mundo; depois de Turim e da Coreia do Sul, o filme estará também presente no Festival de Cinema Experimental e Vídeo de Chicago. ■



Os percursos evolutivos do planeta Terra e do ser humano vão ser objecto de análise num simpósio que o Instituto Gulbenkian de Ciência organiza nos dias 4 e 5 de Maio, integrado nas comemorações do Cinquentenário. Para esta reflexão estão convidados especialistas mundiais de várias ciências, que procuram revelar pedaços na engrenagem da evolução. Sydney Brenner, prémio Nobel da Medicina ou Fisiologia em 2002, abre e encerra os dois dias de conferências. Na manhã do dia 4 de Maio, Gerry F. Gilmore, professor de Filosofia Experimental da Universidade de Cambridge, retrocede ao início dos tempos, falando do Big Bang, e Leslie Orgel, professor de Química Prebiótica no norte-americano Salk Institute, discutirá *A Origem da Evolução Darwiniana*. Uma incursão à *Origem da Vida Celular* é a proposta de Jack Szostak, investigador do Howard Hughes Medical Institute e professor de Genética na Harvard Medical School, ambas nos Estados Unidos da América. Na etapa seguinte da evolução estão *Os Primeiros Multicelulares*, que Simon Conway Morris, professor de Paleobiologia Evolucionária da Universidade de Cambridge, explicará. A origem dos humanos e a importância do estudo de *Ossos e Pedras* é o ponto de partida de Robert Foley, professor de Evolução Humana e director do Leverhulme Centre for Human Evolutionary Studies, da Universidade de Cambridge. Svante Paabo, professor de Biologia Geral na Universidade de Munique e director do Instituto Max-Planck para Antropologia Evolutiva, em Leipzig, na Alemanha, analisará o mesmo tema, mas com base nos genomas. No dia 5 de Maio, Guy Deutscher, professor do Departamento de Línguas e Culturas da Antiga Mesopotâmia, da Universidade de Leiden, na Holanda, analisa *A Evolução da Linguagem*. O simpósio encerra com uma conferência de Sydney Brenner sobre *A Reconstrução do Passado*. ■

A RECONSTRUÇÃO DO PASSADO DO BIG BANG À LINGUAGEM

SEXTA-FEIRA 4 MAIO

Auditório 2 da Fundação Calouste Gulbenkian

09H30 ABERTURA

Emílio Rui Vilar, Presidente, Fundação Calouste Gulbenkian
Diogo Lucena, Administrador, Fundação Calouste Gulbenkian
Sydney Brenner, Senior Distinguished Fellow, Instituto Salk, EUA; Fellow, King's College, Cambridge, Reino Unido

09H45 O BIG BANG

Gerry F. Gilmore, Professor de Filosofia Experimental, Universidade de Cambridge, Reino Unido

10H45 INTERVALO

11H15 A ORIGEM DA EVOLUÇÃO DARWINIANA

Leslie Orgel, Professor de Química Prebiótica e de Biologia Evolutiva, Instituto Salk, EUA

12H15 A ORIGEM DA VIDA CELULAR

Jack Szostak, Investigador, Howard Hughes Medical Institute, EUA; Professor de Genética, Harvard Medical School, EUA; Alex Rich Distinguished Investigator, Massachusetts General Hospital, EUA

13H15 INTERVALO

15H00 OS PRIMEIROS MULTICELULARES

Simon Conway Morris, Professor de Paleobiologia Evolutiva, Universidade de Cambridge, Reino Unido

16H00 INTERVALO

16H30 A ORIGEM DOS HUMANOS: OSSOS E PEDRAS

Robert Foley, Leverhulme Professor of Human Evolution; Fellow King's College, Cambridge, Reino Unido; Director, Leverhulme Centre for Human Evolutionary Studies, Universidade de Cambridge, Reino Unido

17H30 A ORIGEM DOS HUMANOS: GENOMAS

Svante Pääbo, Professor de Biologia Geral, Universidade de Munique, Alemanha; Director, Instituto Max-Planck de Antropologia Evolutiva, Leipzig, Alemanha

SÁBADO 5 MAIO

Auditório 3 da Fundação Calouste Gulbenkian

10H30 A EVOLUÇÃO DA LINGUAGEM

Guy Deutscher, Professor do Departamento de Línguas e Culturas da Antiga Mesopotâmia, Universidade de Leiden, Holanda

11H30 INTERVALO

12H00 A RECONSTRUÇÃO DO PASSADO

Sydney Brenner, Senior Distinguished Fellow, Instituto Salk, EUA, Fellow, King's College, Cambridge, Reino Unido

13H00 ENCERRAMENTO

Diogo Lucena, Administrador, Fundação Calouste Gulbenkian.
Sydney Brenner, Senior Distinguished Fellow, Instituto Salk, EUA, Fellow, King's College, Cambridge, Reino Unido



Grupo Puzzle, Bandeira Nacional, 1976, Pintura

EXPOSIÇÃO 50 ANOS DE ARTE PORTUGUESA

Uma centena de obras que assinalam 50 anos da arte portuguesa vão estar em exposição, a partir de 5 de Junho, na Galeria de Exposições Temporárias da Fundação. Comissariada por Raquel Henriques da Silva, a exposição apresenta uma selecção de obras da colecção do Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, escolhidas em articulação com a documentação de arquivo sobre os artistas apoiados, pela Fundação, com subsídios e bolsas, desde 1957 até à actualidade.

O cruzamento entre colecção e documentação permitirá ao público percorrer o processo criativo dos artistas, dos relatórios de trabalho – alguns deles objectos artísticos com plena autonomia – às obras, elas mesmas lugar de novos questionamentos. Deste modo, a exposição não é uma síntese nem da história da arte contemporânea nem das obras-primas do CAMJAP, antes um processamento de temas e de questões axiais na cultura do nosso tempo, de que os artistas se apropriam, pensando e fazendo. Organizada em diversos núcleos, a exposição apresenta um circuito aberto, com algumas sobreposições, inesperados encontros de artistas de diversas gerações, aproximados por um conjunto de conceitos-tema: Meios/Processos, Signo, Corpo, Tempo/História, Espaço. Na galeria do piso 01, a exposição organiza-se de modo diverso: articulando uma cronologia sucinta, as obras seleccionadas evocam momentos cruciais do apoio da



Paula Rego, Contos Populares: as três cabeças de ouro, c. 1975, desenho

Fundação à arte portuguesa e aos seus criadores, quer através da organização de exposições, quer de programas de estímulo e de consolidação artística. Mais uma vez, não se encontrará exaustividade, mas apontadores que manejam de modo particular a função de *monumento*, visando conectar tempos e eventos, mais do que celebrá-los. A exposição alarga-se para os espaços de circulação do edifício, integrando, através de documentação de relacionamento, obras de artistas especialmente concebidas no momento da inauguração da Sede da FCG, ou que foram entretanto seleccionadas para a marcação de determinados espaços. Outras se lhes juntarão, jogando com as extraordinárias potencialidades da arquitectura. O bar do Museu Calouste Gulbenkian participa também nesta exposição sem margens, voltando a apresentar, durante o período de abertura da exposição, o conjunto de pinturas, encomendadas em 1968, para a sua decoração interior. Pretendia-se então que a cafetaria, aberta sobre o museu, a biblioteca e o jardim, fosse um lugar de tertúlia, recuperando-se a mítica memória da Brasileira do Chiado. Finalmente, para que a tertúlia aconteça, a exposição *50 anos de Arte Portuguesa* será acompanhada de um programa cultural em múltiplas vertentes, envolvendo visitas guiadas, encontros com artistas, conferências e um ciclo de vídeo documental sobre artistas. ■



Kelvingrove Art Gallery & Museum

QUATRO CANDIDATOS AO GULBENKIAN PRIZE FOR MUSEUMS AND GALLERIES

Dois tesouros vitorianos com nova vida, a primeira galeria britânica a reduzir as suas emissões de carbono para quase metade e o mais pequeno palácio real inglês são os quatro finalistas do Gulbenkian Prize for Museums and Galleries deste ano. O vencedor do prémio de 100 mil libras (cerca de 150 mil euros) será divulgado no dia 24 de Maio, em Londres, no Royal Institute of British Architects.

Os finalistas foram escolhidos a partir de uma lista de dez candidatos, com propostas diversificadas, desde um novo aquário, que nos primeiros cinco meses atraiu mais de 100 mil visitantes, a uma exposição dedicada à prostituição.

Segundo a presidente do júri, Francine Stock, “escolher a *shortlist* não foi fácil”: “São dez museus muito diferentes, cada qual com a sua forma muito particular de atrair a comunidade local e novas audiências para colecções e exposições, e é entusiasmante ver o crescimento

do número de visitantes. Há contrastes marcantes entre o tamanho e estilo, mas os quatro museus finalistas são extraordinários.” Da equipa designada para escolher o vencedor fazem também parte Tristram Besterman, consultor museológico, Richard Calvocoressi, director da Scottish National Gallery of Modern Art, Jonathan Glancey, editor de arquitectura e *design* do jornal *The Guardian*, Mark Miodownik, cientista, o historiador Dan Snow e Mohini Sule, apresentador de programas culturais.

O Gulbenkian Prize for Museums and Galleries é o maior prémio atribuído anualmente no Reino Unido, distinguindo um projecto que conjugue qualidade, inovação e capacidade de mobilizar públicos. No ano passado, venceu o navio Brunel S.S. Great Britain, o primeiro grande vapor para transporte de pessoas, ancorado em Bristol. Desactivada em 1934, a embarcação foi recuperada e convertida em museu. ■

SHORT LIST



Weston Park Museum, Sheffield

WESTON PARK MUSEUM, SHEFFIELD

A transformação do edifício trouxe uma vida nova a este tesouro vitoriano. Alberga agora novas exposições, que destacam o melhor da arqueologia, história natural e social e coleções de arte decorativa e visual de Sheffield.

KELVINGROVE ART GALLERY & MUSEUM FOR THEIR NEW CENTURY PROJECT, GLASGOW

Um projecto de recuperação e restauro da centenária galeria de Glasgow que integra o museu no seu *décor* natural.

KEW PALACE, HISTORIC ROYAL PALACES, SURREY

Após uma década de conservação e restauro, o retiro de campo do rei George III pode ser visitado. Este palácio, o mais pequeno do Reino Unido, surge agora de cara lavada, permitindo conhecer a intimidade de uma casa real e quartos que há 200 anos não eram vistos.



Pallant House, Chichester West Sussex

PALLANT HOUSE, CHICHESTER WEST SUSSEX

A galeria Pallant House construiu uma nova ala para albergar uma das melhores coleções de arte britânica do século XX. É a primeira galeria no Reino Unido a instalar um sistema de aquecimento e arrefecimento geotermal, que lhe permitiu reduzir as emissões de carbono entre 40 a 50 por cento.



Kew Palace, Historic Royal Palaces, Surrey

CENTRO CULTURAL DE PARIS HOMENAGEIA ARSHILE GORKY



A obra do pintor americano de origem arménia Arshile Gorky pode ser apreciada até 4 de Junho na delegação francesa da Fundação Calouste Gulbenkian e no Centre Georges Pompidou. As duas instituições unem-se para prestar tributo ao artista, no quadro das comemorações do Ano da Arménia em França, *Arménie mon Amie*.

A comissária desta iniciativa, Nelly Tardivier-Henrot, o presidente da Fundação Gulbenkian e os embaixadores de Portugal e da Arménia em França, António Monteiro e Edward Nalbandian, inauguraram em Abril as duas mostras, que reúnem um total de 40 trabalhos do artista. No Centro Cultural de Paris podem ser vistos 30 desenhos anteriores aos anos 40 que espelham particularmente a herança arménia de Gorky. A dezena de pinturas e desenhos em exposição no Centre Pompidou são obras do período entre 1943 e 1947, cedidas pela Fundação Gulbenkian, pelo Museum of Modern Art, pelo Guggenheim Museum e pelo Whitney Museum de Nova Iorque, entre outros.

Arshile Gorky nasceu em 1904 na Arménia e emigrou para os Estados Unidos em 1920, um percurso que transpôs para a sua obra, estabelecendo pontes entre a cultura do Médio Oriente e a cultura ocidental.

Considerado um dos últimos surrealistas ou o primeiro dos expressionistas abstractos, foi uma das grandes figuras da pintura norte-americana do século passado. Inspirando-se nas escolas de De Chirico e de Picasso, depois de Kandinsky e de Miró, a sua obra abriu um novo espaço de expressão singular e um estilo formal fundador do expressionismo abstracto norte-americano. ■

A PARTIR DO MUSEU WORKSHOP DE PINTURA E DESENHO

O Ar.Co – Centro de Arte e Comunicação Visual, em colaboração com o Museu Calouste Gulbenkian, promove, no mês de Maio, um *workshop* de Pintura e de Desenho, orientado por António Marques e Paulo Brighenti. A partir de obras escolhidas da colecção permanente, serão propostos exercícios de desenho no próprio espaço do Museu, alternando com sessões de pintura, em ateliê, nas salas do Ar.Co. O curso tem lugar entre os dias 2 e 28 de Maio, às segundas e quartas-feiras das 10h00 às 13h00. ■

CLÁSSICOS NA GULBENKIAN



Os Clássicos chegam ao fim numa edição dedicada aos Mecenas. Depois da Tragédia Grega, de William Shakespeare e de Luís de Camões, dos Contos que a Voz Contou, a Fundação e o grupo Há4 convidaram os Artistas Unidos a inventarem uma sessão Em Busca do Mecenas Perdido. No dia 3 de Junho, domingo, pelas 14h30, o hall e a escadaria por onde desfilaram as várias edições dos Clássicos conhecerão quatro peças inéditas e mais um mistério, “tudo à volta de fantasmas de mecenas”. Desta feita, serão lidos e interpretados textos de Almeida Faria, José Maria Vieira Mendes, Miguel Castro Caldas, Jacinto Lucas Pires e Jorge Silva Melo. De Almeida Faria será interpretado o mistério *Vanitas*, a partir da figura de Calouste Gulbenkian, um livro editado este ano e onde se podem ver as imagens do tríptico de Paula Rego, com o mesmo nome. *Duas Páginas*, um texto inédito de José Maria Vieira Mendes, leva-nos até à corte de Luís XIV, o Rei-Sol que iluminou tantos pintores do século XVII. Haverá ainda lugar, durante a tarde e noite deste domingo, para cenários diferentes: Hollywood em todo o seu esplendor, com a peça radiofónica sobre a relação de Jane Russel e o milionário Howard Hughes, peça em um acto de Jacinto Lucas Pires ou a *Fala da Criada...* a partir de Buñuel, num texto de Silva Melo, ou ainda o inédito de Castro Caldas em que músicos, escritores e bailarinos explicam o que é *Levantar a Mesa*. E pelo meio destes Clássicos não faltarão as canções de opereta e as cantigas com amigos de mecenas e outros convidados. Jorge Silva

Melo deixa o convite para a festa dos Clássicos na Gulbenkian:

Não, não há banquetes, nem bailes, nem paradas, nem champanhe a rodos, não, não são precisas *toilettes* nem maquilhagens, nem são precisos louvores, laudas, encomendas, não há cheques nem sequer gorjetas. São peças de teatro, são teatralizações, actores, actores e palavras. E escritores, essa gente bem-vinda ao teatro. Os tempos cruzam-se, há fantasmas, século XVII e a corte do Rei-Sol, Hollywood, as termas de Esterhazy, o fim do século XVIII, e as trombetas da liberdade a tocarem, mas também pode haver mulheres nuas, amores desencontrados, sutiãs, e fala-se de dinheiro, dinheiro, dinheiro e mais dinheiro. Andam uns à procura dele, outros a só quererem o amor, o poder, o louvor. São vários divertimentos, uns em honra, outros troçando, saudando, imaginando as sempiternas relações desse casal para sempre dançando, o mecenas e o artista, condenados a suspeitarem um do outro, a amarem-se com ódio e admiração, unidos, desunidos na procura da vitória, vitória sempre contra a morte, pela beleza. Imaginada beleza, criada beleza, colecionada, possuída, fechada em cofres. São paródias, divertimentos, brincadeiras, frivolidades. Sabendo, com Max Ophüls, que a “frivolidade só é frívola para aqueles que não são frívolos”. ■

MICHEL WIEVIORKA EM LISBOA

UMA REFLEXÃO SOBRE GLOBALIZAÇÃO E MULTICULTURALISMO

“Terá o terceiro milénio tido o seu início sob o signo do *antipolítico*?”, a interrogação abre o livro de Michel Wieviorka, o sociólogo francês convidado para as comemorações dos 25 anos do Instituto de Ciências Sociais e para uma conferência na Fundação Calouste Gulbenkian, a 14 de Maio, às 18h30. Antes, o seu livro *A Nova Primavera do Político*, uma edição da Guerra e Paz apoiada pela Fundação, será apresentado por José Pacheco Pereira, no Auditório 3, às 18h00. Um livro que é uma reflexão sobre o défice político nas sociedades contemporâneas, a crise do Estado e dos governos incapazes de responder aos desafios do mundo contemporâneo, mas também sobre as soluções para sair desta crise. Este projecto nasce do contributo de uma dúzia de personalidades de todo o Mundo – Élie Barnavi, Judith Boxser Liwerant, João Caraça, Isidro Cisneros, Nilufer Gole, Pasquale Pasquino, Elias Sanbar, Asaf Savas Akat, Simonetta Tabboni, Alain Touraine, Sérgio Zermeno e Giovanna Zinconne – que trocaram ideias sobre estes assuntos, durante um fim-de-semana em Paris. A organização e coordenação do projecto é de Michel Wieviorka que acredita nas potencialidades do continente europeu para responder à necessidade de uma nova primavera para a Política. Conclui o sociólogo francês que “a Europa dispõe de uma muito maior sensibilidade à sua decomposição ou à sua crise e ainda de consideráveis recursos, intelectuais e não só, para tentar enfrentá-los”, crente na capacidade europeia para impulsionar o ressurgimento de novas formas de democracia. ■

MICHEL WIEVIORKA é um conceituado sociólogo francês, antigo aluno de Alain Touraine, conhecido internacionalmente pelos seus trabalhos relacionados com as mutações sociais, designadamente os fenómenos da violência, do terrorismo e do racismo. Possui uma vasta bibliografia em que se destacam *Société et Terrorisme* (1988) e *L'Espace du Racisme* (1991), entre muitos outros.

É presidente da Associação Internacional de Sociologia, director de estudos da École des hautes études en sciences sociales e director do Centre d'analyse et d'intervention sociologiques (EHESS/CNRS).





COLÓQUIO/LETRAS

EDIÇÃO DUPLA

APRESENTA PROGRAMAS DE TELEVISÃO DE MOURÃO-FERREIRA

Na sequência da publicação das traduções de David Mourão-Ferreira, incluídas em *Vozes da Poesia Europeia* (n.ºs 163-165), editam-se agora dois números duplos da revista *Colóquio/Letras* integralmente preenchidos com a transcrição dos 134 programas *Imagens da Poesia Europeia*, que o autor apresentou na RTP, entre 1969 e 1974.

O trabalho de tradução que David Mourão-Ferreira desenvolveu ao longo da sua notável carreira literária, intensificou-se durante estes anos apresentando, por um lado, um património inquestionável, legado pela história e pela tradição, e por outro, as suas escolhas e o seu gosto. Trata-se, assim, de uma divulgação empenhada, acessível, directa, isenta de sofisticacões técnicas ou teóricas, sem deixar de, a cada linha, a cada palavra, manifestar a individualidade, o estilo e o gesto do tradutor. Com estes dois números duplos (n.ºs 166-167 e 168-169,) de cerca de 450 páginas cada, pretende-se, pois, dar a conhecer a um público não iniciado, de forma extremamente didáctica e simples, a evolução da poesia europeia, do século VIII a. C. ao século XIX, nela se contextualizando a portuguesa.

Acompanha a edição um DVD que reproduz alguns programas literários do escritor na televisão (infelizmente não das *Imagens*, de que não se conservou nenhum registo). ■

O ciclo de cinema, programado por Jacob Wong, pretende igualmente constituir um olhar questionador e plural sobre o estado do mundo, apresentando obras de realizadores como Zhang Lu, Laila Pakalnina, Hong Sangsoo, Anand Patwardhan, Jean-Marie Straub e Danièle Huillet, Uruphong Raksasad, Barbara Albert, Raya Martin, Pier Paolo Pasolini, Eric Steel, Yoshihiro Nakamura, Oshi Mamoru e Ron Havilio.

Em Maio, tem também início o programa de itinerância de obras do acervo do Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, coordenado por Leonor Nazaré e que envolve vários museus, escolas e instituições que se candidataram para as acolher. As peças ficarão expostas nesses espaços entre 18 de Maio e 8 de Setembro, estando previstas várias acções educativas.

A URGÊNCIA DA TEORIA

AUDITÓRIO 2, 18H30

Entrada livre | Tradução simultânea

18 MAIO

O RESSENTIMENTO: FORÇA OSCURA E PRODUTO DA HISTÓRIA

MARC FERRO



O ressentimento é um explosivo que se acumula ininterruptamente. Ao longo do último século, por várias vezes, faltou fazer explodir a sociedade; ao menos transfigurá-la. Com a erupção de um Islão extremista, o ressentimento manifestou-se com toda a força sob os nossos olhos, num momento em que também povos que tinham sido longamente colonizados o exprimiam. Antes, no início do século XX, a Alemanha e o seu futuro líder tinham alimentado o mesmo ressentimento contra o Tratado de Versalhes e os seus signatários estrangeiros ou alemães. Sabemos o que se seguiu. Estas manifestações falam por si, mas poderíamos elencar e analisar muitas outras.

Historiador e professor aposentado da École des hautes études en sciences sociales, nascido em França, em 1924, Marc Ferro demonstrou desde cedo interesse pela História. No princípio da sua carreira, teve muitas dificuldades em inserir-se no fechado universo académico francês, mas foi auxiliado pelo historiador Fernand Braudel, que soube reconhecer o seu talento. Como académico, foi co-director da revista *Les Annales (Économies, sociétés, civilisations)*, ensinou na École polytechnique, foi director de estudos na IMSECO (Institut du monde soviétique et de l'Europe centrale et orientale), membro do Comité de redacção dos *Cahiers du monde russe et soviétique* e professor visitante nos EUA, Canadá, Rússia e Brasil. Nos anos 90, foi responsável por um programa semanal de televisão, em horário nobre, na emissora francesa FR3, chamado *História Paralela*. No mundo académico, Ferro é mais conhecido por ter sido pioneiro, no universo historiográfico, a teorizar e aplicar o estudo da chamada relação cinema-história. O início desta caminhada ficou marcado pela publicação de um artigo chamado *O filme: uma contra-análise da sociedade*, na obra colectiva *Faire de l'histoire*, dirigida por Jacques Le Goff e Pierre Nora. A obra de Marc Ferro e a contribuição que ela traz para o domínio da História permitem-nos considerá-lo como um dos grandes historiadores da actualidade.

19 MAIO

NIILISMO E DEMOCRACIA

MEHDI BELHAJ KACEM

O conceito de niilismo, elaborado principalmente por Nietzsche e Heidegger, e por conseguinte pela mais alta filosofia a que devemos chamar “arquifascismo”, foi sempre dirigido essencialmente contra os ideais igualitários – do monoteísmo à Revolução Francesa, de S. Paulo a Rousseau e Marx. Passados 30 anos da imposição da “democracia” como referência fundamental e inultrapassável da política, o estado “espiritual” das ditas democracias parece ter confirmado

as profecias de Nietzsche e Heidegger. Será a democracia intrinsecamente niilista? Ou será possível dissociar um conceito de democracia e um conceito de niilismo que já não devem nada, por um lado, ao niilismo efectivo das democracias e, por outro, ao ódio pela igualdade reconhecido por Nietzsche e Heidegger como fonte de todo o niilismo?

Mehdi Belhaj Kacem nasceu em Paris, em 1973. Passou a infância na Tunísia, acabando por regressar à capital francesa em 1990. Filósofo, escritor e actor. Considerado uma figura de excepção na filosofia contemporânea, o seu pensamento integra e cruza as teorias de Alain Badiou, Deleuze e Lacan com a experiência dos anos 2000, abordando temas como os jogos de vídeo e a pornografia, a crise da paternidade e das subculturas juvenis, os *fight club* e o *hip hop gansta (gangster)*.

A sua obra reflecte também sobre a herança situacionista, os efeitos do Maio de 68 e a necessidade de um regresso ao questionamento marxista. Escreve para o *Libération*, *Inrockuptibles*, e *Nouvel observateur*. Da sua obra literária e filosófica destacam-se *Cancer* (1994), *L'Antéforme* (1997), *Esthétique du chaos* (2000), *Événement et répétition* (2004) e *La Psychose française* (2006).

Teve o seu primeiro papel no cinema, como actor principal, no filme *Sauvage Innocence* (2001), de Philippe Garrel, inédito comercialmente em Portugal.

20 MAIO

LYGIA CHAMANDO

SUELY ROLNIK

Pode ser interessante que os museus mantenham a sua função de arquivamento das produções artísticas, mas com a condição de que seja outro o conceito de memória que se vá construir e preservar, bem como o sentido desta construção. Nesta direcção, o trabalho de Lygia Clark indica efectivamente um interessante caminho de resposta aos problemas que se levantam no terreno da arte hoje, cada vez mais cobiçado (e minado) pela *cafetinação* por parte das empresas e governos das cidades, movidos pelos interesses imperiais do capitalismo globalizado. Como uma visionária, esta artista situa-se entre aqueles que criaram uma resposta subtil a este destino funesto da prática artística.

Suely Rolnik nasceu em São Paulo, é psicanalista, ensaísta e professora titular do curso de pós-graduação de Psicologia Clínica da PUC/SP, no qual coordena o Núcleo de Estudos da Subjectividade. Além da formação psicanalítica, diplomou-se em Filosofia, Ciências Sociais e Psicologia. É desta época que data o início da sua relação com Deleuze e Guattari, tendo traduzido parte da sua obra para português e trabalhado com Guattari na clínica de La Borde. Data igualmente deste período a sua amizade com Lygia Clark, cuja última obra,



Estruturação do Self, foi o tema da sua tese de doutoramento (1978) e de um texto da artista publicado com a sua colaboração (1980). Os temas principais de Rolnik são as políticas de subjectivação na actualidade, tratadas de um ponto de vista transdisciplinar, concentrando-se, nos últimos anos, na arte contemporânea, na sua interface com a política e a clínica. Tem transitado entre o Brasil, a Europa e os EUA, com conferências em universidades (Yale, NYU, Columbia, Pittsburgh, Louvain, etc.), museus (MacBa, MOCA, Bard College, Beaubourg, etc.), curadorias em mostras internacionais (Documenta X, InSite, Internazionali Tanzfest Berlin, Theater der Welt, Bienal de São Paulo, etc.) e também com publicações em livros, catálogos de exposições e revistas. Vive em São Paulo.

22 MAIO

DA DIFERENÇA E DA DESIGUALDADE:

LIÇÕES DA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA

MIGUEL VALE DE ALMEIDA

Processos de construção identitária e de disputas políticas em torno de formas de discriminação parecem constituir um assunto central no mundo contemporâneo. Teoria social, etnografia, movimentos sociais e ideias políticas confrontam-se com a questão complexa da relação entre diferença e desigualdade. Que lição se pode retirar das disputas em torno de processos de categorização com base na corporalidade, como o género, a sexualidade, a “raça” e a etnicidade? Miguel Vale de Almeida nasceu em Lisboa, em 1960, e estudou em Portugal e nos Estados Unidos. É professor associado com agregação no Departamento de Antropologia e Investigador no Centro de Estudos de Antropologia Social, ambos no ISCTE, onde também coordena os mestrados em Antropologia nas especialidades Multiculturalismo e Identidade e Colonialismo e Pós-Colonialismo. É director da revista *Etnográfica*.



Realizou pesquisa etnográfica em Portugal, Brasil e Espanha, sobre questões de género e sexualidade, “raça”, política da identidade e pós-colonialismo. Tem vários livros publicados em português e em inglês, é activista político e social, cronista e ficcionista, e é autor do blogue Os Tempos que Correm (<http://valedalmeida.blogspot.com/>).

23 MAIO

SOCIEDADES MUITO GRANDES E SOCIEDADES MUITO, MUITO PEQUENAS

DANIEL MILLER

Esta lição centrar-se-á sobre a direcção que o mundo tem tomado, tal como o demonstram regiões metropolitanas como Londres. Nestas regiões, assistimos a uma mistura sem precedentes de populações provenientes de todo o mundo. Isto representa um enorme desafio para as ciências sociais, pois o resultado apresenta poucas semelhanças com o conceito de sociedade. Nesta lição, o autor procurará demonstrar como é possível aplicar abordagens próprias do estudo da sociedade ao estudo destas famílias.

Daniel Miller é doutorado em Antropologia e Arqueologia e é professor de Estudos de Cultura Material no Departamento de Antropologia da University College of London.

Os seus interesses atravessam temas como a cultura

material e “objectificação”, consumo de massas, compras, política económica e valor, Internet e a utilização de telemóveis. As suas áreas de investigação actual incidem no impacto das novas tecnologias de comunicação, tais como os telemóveis e a Internet na pobreza e desenvolvimento em comunidades rurais e urbanas da Jamaica, do Gana, da Índia e da África do Sul; no conceito de valor; num projecto etnográfico baseado na separação e perda; e, por fim, na experiência de *au-pairs* eslovacas e as suas famílias de acolhimento em Londres.

É autor e editor de 24 livros, entre os quais *Material Culture and Mass Consumption* (1987) e *A Theory of Shopping* (1998). Dos seus trabalhos recentes destaca-se *The Cell Phone* (com H. Horst, Berg, 2006) e a edição da colectânea *Materiality* (Duke, 2005).

24 MAIO

REFLEXÕES SOBRE A NARRATIVA DO LUGAR (A CONVERSA INFINITA)

RASEM BADRAM

A narrativa do lugar nasce da relação efectiva com o lugar; começa com a pesquisa e a análise, que permitem a familiarização com os aspectos e as características do mesmo, e termina com a formulação de uma narrativa de acontecimentos que ocorrem nesse lugar. É um produto da coexistência do homem com o lugar, que está em constante transformação ao longo do tempo. Rasem Badram é um dos principais arquitectos contemporâneos do mundo islâmico, que se celebrou pelas suas reinterpretações da tradição islâmica na arquitectura. Com o seu ateliê Dar al-Omran (conjuntamente com Laith Shubeitatis), situado em Amã, Badram assinou projectos na Jordânia e na Arábia Saudita. Em 1995, recebeu o Prémio Aga Khan de Arquitectura pelo trabalho desenvolvido na Grande Mesquita de Riade e pela requalificação do centro histórico da cidade. A sua obra tem sido publicada em numerosos livros e revistas de todo o mundo.

25 MAIO

TOMAR CUIDADO

BERNARD STIEGLER

Desde o Neolítico, ou seja, desde que o género humano se encarregou de transformar o seu mundo, seleccionando e intervindo no que virão a ser os outros seres vivos e ele próprio, que a cultura se constituiu desde o início como sistema de cuidados, ora como agricultura, ora como culto. Esta conferência irá examinar as condições em que se estabelecem os sistemas assistencialistas e as razões pelas quais o desafio para a espécie humana é o de inventar



um novo sistema de cuidados, no momento em que as tecnologias a que chamamos transformacionais se desenvolvem exclusivamente segundo critérios de investimento estabelecidos por um capitalismo financeiro que já não parece ser capaz de constituir um sistema de cuidados para a sociedade.

Bernard Stiegler nasceu em 1952, em Paris. É filósofo de formação e doutor pela École des hautes études en sciences sociales. É actualmente director do Departamento de Desenvolvimento Cultural do Centro Georges Pompidou, em Paris, onde dirige o Instituto de Pesquisa e de Investigação, criado por sua iniciativa. Ocupou vários cargos de chefia de organizações políticas, culturais e de investigação, de entre os quais se pode destacar o de director de Programas no Colégio Internacional de Filosofia. É autor de uma extensa obra onde se podem destacar *La technique et le temps*, em seis volumes, *Passer à l'acte* (2003), *Aimer, s'aimer, nous aimer*, *Du 11 septembre au 21 avril* (2003), *Constituer l'Europe 1 et 2* (2005), *La télécratie contre la démocratie e Lettre ouverte aux représentants politiques* (2006). *Philosophe par accident* (2004) é uma obra de iniciação ao seu pensamento.



26 MAIO

MULTICULTURA E CONVIVIALIDADE NA EUROPA PÓS-COLONIAL

PAUL GILROY

Nesta lição vai ser analisada e refutada a ideia de que o multiculturalismo é injustificável por princípio e impossível na prática. O orador promete defender que a avaliação tardia do impacto continuado da história do colonialismo oferece meios para enriquecer a democracia europeia contemporânea e também a solução para construir uma política sustentável que não seja dominada pelo problema da segurança. Paul Gilroy nasceu em Londres, em 1956. É actualmente Professor Anthony Giddens de Teoria Social na London School of Economics. Ensinou em numerosas universidades e as suas obras têm sido publicadas em muitas línguas. É conhecido como historiador da cultura do Atlântico Negro, bem como pelos seus textos sobre racismo e política.

27 MAIO

O ESTADO DA ECONOMIA CULTURAL: ASCENSÃO DA ECONOMIA CULTURAL E DESAFIOS DO DESENVOLVIMENTO DE POLÍTICAS CULTURAIS

ANDY C. PRATT

Esta sessão constituirá uma oportunidade para se reflectir sobre a questão das políticas culturais no século XXI. Defende-se que os velhos modelos terão perdido a sua validade, devido à constante mudança a que estão sujeitas a cultura e a economia cultural. Serão identificadas as transformações ocorridas, como ponto de partida para repensar o desenvolvimento de políticas culturais.

Chamar-se-á a atenção para o crescimento da economia cultural nos últimos 50 anos e serão sublinhadas as tendências num contexto internacional. Serão exploradas

questões associadas às alterações na definição de cultura e da economia cultural; em particular, o reposicionamento da economia cultural relativamente a: formal/informal, objectivos não lucrativos/objectivos lucrativos, produção/consumo, económico/sócio-cultural.

A dissertação discute o carácter de mudança inscrito na produção cultural, bem como no trabalho cultural e na “culturalização” da economia. Por fim, destacar-se-á a “instrumentalização” da cultura e a sua utilização em domínios do mercado e em estratégias de “criatividade”. Andy C. Pratt é conferencista em Geografia Humana no Departamento de Geografia e Ambiente da London School of Economics, onde é director do centro de pesquisa Contemporary Urbanism.

Especializou-se em Organização Social do Desenvolvimento Económico, Cidades e Espaço Económico.

A sua investigação actual centra-se nos aspectos sociais dos processos económicos de aglomeração (instituições e redes), envolvendo um trabalho sobre política industrial, criatividade e inovação e organização económica. Uma das suas áreas específicas de interesse é a análise das indústrias culturais nos Estados Unidos, Europa e Japão.

29 MAIO

CIÊNCIA DO RITMO

PAUL D. MILLER

A premiada compilação de ensaios *Rhythm Science* (MIT Press, 2004), de Paul D. Miller, explora as ligações invisíveis entre a estética baseada em colagens e, como Miller gosta de chamar-lhe, políticas de percepção.

As suas conferências revelam algumas das questões que os artistas contemporâneos enfrentam: propriedade intelectual, propriedade de ideias e, sobretudo, o modo como a arte circula na complexa cultura dos *media* digitais. A lição de Miller vai concentrar-se na forma como o “som” actua, qual teatro invisível, onde a distinção entre a arte do som, a informação e os meios de produção digitais são vistos como ferramentas para o espírito criativo do artista, num mundo que está rapidamente a ficar cada vez mais ligado em rede, de formas inesperadas e por vezes surpreendentes.

A lição consistirá numa apresentação “ao vivo” da história da arte digital e dos *media*, com utilização de vários textos históricos, gravações áudio raras e filmes, para demonstrar a relação complexa entre texto e arte num contexto multimédia.

Paul D. Miller vive em Nova Iorque, é professor, músico, artista conceptual e escritor, mais conhecido pela sua “*persona* construída” *Dj Spooky that Subliminal Kid*. Foi o primeiro editor da *Artbyte: The Magazine of Digital Arts*, e os seus artigos têm sido publicados no *The Village*

Voice, Artforum, Rap Pages, Paper Magazine, The Source, entre muitas outras revistas e jornais. É autor de “(re)misturas” antológicas, como a que fez do filme *O Nascimento de uma Nação* (Griffith, 1915) e de *Errata Erratum*, com elementos da obra de Marcel Duchamp. O seu trabalho artístico emprega uma grande variedade de música criada digitalmente, e multimédia, para criar um tipo de escultura pós-moderna inscrito na tradição de compositores como John Cage e Afrika Bambaataa. Colaborou com vários músicos e compositores proeminentes como Iannis Xenakis, Ryuichi Sakamoto,



Butch Morris, Kool Keith *a.k.a.* Doctor Octagon, Killa Priest do Wu-Tang Clan, Yoko Ono e Thurston Moore dos Sonic Youth, entre muitos outros. O trabalho de Miller já esteve representado na Bienal de Whitney, Bienal de Arquitectura de Veneza, Museu Ludwig, em Colónia, Kunsthalle Vienna e Museu Andy Warhol, em Pittsburgh, entre outras instituições.

30 MAIO

SUSTENTABILIDADE, CULTURA E EVOLUÇÃO

FILIPE DUARTE SANTOS

Um dos conceitos mais referidos e discutidos neste início do século XXI é o de desenvolvimento sustentável, social, económico, ambiental e institucional. Porque há muitas razões robustas para suspeitar de que o actual paradigma de crescimento é insustentável a médio e longo prazo. Quais são essas razões? Será possível construir novos paradigmas civilizacionais sustentáveis ou estaremos à beira de crises, no limite da nossa evolução cultural, que irão acelerar a selecção natural que precede a evolução biológica? Estas são as questões a que esta comunicação procurará responder.

Filipe Duarte Santos é licenciado em Ciências Geofísicas, pela Universidade de Lisboa, e em Física Nuclear Teórica, pela Universidade de Londres. É professor catedrático da Universidade de Lisboa e professor visitante das universidades de Wisconsin, Carolina do Norte, Duke, Indiana, Surrey e Munique. Autor de mais de cem artigos científicos nas áreas da Física Nuclear, Astrofísica, Ciências do Ambiente e Alterações Climáticas. Presentemente, dedica-se ao estudo da problemática das alterações climáticas e do desenvolvimento sustentável.

31 MAIO

A “CIÊNCIA” DA CIÊNCIA POLÍTICA

PEDRO MAGALHÃES

O que significa “fazer ciência” quando se fala em “ciência política”? A prática da ciência política na academia é atravessada pelos mesmos dilemas que todas as outras ditas “ciências sociais”. Por um lado, a preocupação com a complexidade e com a singularidade inerentes a cada caso e com a subjectividade dos actores sociais e políticos, enfatizando, em especial, a utilização de métodos qualitativos. Por outro lado, a preocupação com a procura de generalizações e explicações causais e com a universalidade das motivações humanas, enfatizando, neste caso, os métodos quantitativos. Esta palestra aborda alguns aspectos da forma como este dilema se vem (re)encenando nos últimos anos na definição – ou, mais precisamente, na luta – sobre

o que é e o que deve ser o *mainstream* da disciplina. Pedro Magalhães é investigador auxiliar no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e director do Centro de Estudos e Sondagens de Opinião da Universidade Católica Portuguesa. É licenciado em Sociologia pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (1993) e doutorado em Ciência Política pela Ohio State University, Estados Unidos da América (2003). Desde 2001, é co-coordenador do programa de investigação Comportamento Eleitoral dos Portugueses, do ICS. A sua investigação tem abordado temas como o comportamento eleitoral, as atitudes políticas, as sondagens de opinião, o sistema judicial e o sistema de governo. Estudos seus foram publicados em livros editados pela Oxford University Press, Routledge, Columbia University Press, Lexington e Siglo XXI, entre outras, assim como em revistas como *Comparative Politics*, *West European Politics* e *International Journal of Public Opinion Research*.

1 JUNHO

DA ACTUALIDADE DO CONCEITO DE CIVILIZAÇÃO

ANTONIO CICERO

A partir da segunda metade do século XX, a noção de “cultura” tornou-se cada vez mais importante, não só para a Antropologia, mas, de maneira geral, para as ciências humanas e para a Filosofia; o conceito de “civilização”, tido como excessivamente valorativo, foi praticamente desprezado por esses saberes. Entretanto, a retomada crítica desse conceito revela-se surpreendentemente fecunda na discussão das questões interculturais deste início do século XXI.

As actividades públicas de Antonio Cicero repartem-se



entre o domínio da poesia e o da filosofia. Em 1996, o seu livro de poemas *Guardar* (ed. Record, Rio de Janeiro), foi vencedor do Prémio Nestlé de Literatura, na categoria Estreante. Em 1997, publicou o disco *Antonio Cicero por Antonio Cicero* (ed. Luz da Cidade, Rio de Janeiro), em que recita poemas de sua autoria. Está representado na antologia *bilingue Outras praias / Other Shores* (ed. Iluminuras, São Paulo, 1998), na antologia *Esses poetas* (ed. Aeroplano, Rio de Janeiro, 1999), na antologia *41 poetas do Rio* (ed. Funarte, Rio de Janeiro, 1999), e na colectânea de textos *Mais poesia hoje* (ed. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1999). De 1991 a 1992, foi coordenador de Estética e Teoria das Artes no Galpão das Artes do MAM. Em 1994 participou na Bienal Internacional do Livro, de Frankfurt, a convite do Ministério da Cultura, tendo pronunciado, na Literaturhaus, uma conferência sobre a cultura brasileira. Actualmente, Antonio Cicero dedica-se a escrever poemas e ensaios, além de, ocasionalmente, fazer leituras e palestras em instituições como o MAM do Rio de Janeiro, o Museu de Arte Contemporânea de Niterói e o Centro Cultural Banco do Brasil, bem como noutros estados do Brasil.

2 JUNHO

PENSAR AS ARTES, HOJE:

AS ARTES, O VERDADEIRO E O JUSTO

DANIÈLE COHN

A arte contemporânea joga muitas vezes com os extremos, e a repugnância é por vezes considerada um mal necessário ou uma possibilidade de brincadeira. Mas, na verdade, continuamos a acreditar que as artes nos tornam melhores e mais felizes. Que laços existem entre a arte e a moral? Há uma verdade artística? Danièle Cohn é professora agregada de Filosofia e ensina Estética e Filosofia das Artes na École des hautes études en sciences sociales e na École normale supérieure. Especialista em Goethe e em Estética Alemã, traduziu e prefaciou *Ecrits d'esthétique*, de Wilhelm Dilthey (1995), *Hercule à la croisée des chemins*, de Erwin Panofsky (1999), e publicou *La Lyre d'Orphée, Goethe et l'esthétique* (1999). Dirige nas Éditions Rue d'Ulm a colecção *Aesthetica* e é membro do comité de redacção da revista *Critique*. É co-autora, com Fernando Gil e Paulo Tunhas, de *Impasses* e, actualmente, prepara um livro sobre a estética, as artes e o senso comum.

TODO O MUNDO É UM FILME

18 MAIO, SEXTA, 22H00, GRANDE AUDITÓRIO

DESERT DREAM

REAL. ZHANG LU, CO-PRODUÇÃO COREIA/MONGÓLIA/
FRANÇA, 2006.



Uma refugiada norte-coreana e o seu filho chegam a uma zona desértica na Mongólia, onde conhecem um homem que planta árvores desesperadamente para travar a desertificação. O título significa “fronteira” e no filme podemos encontrar ressonâncias sobre todos os tipos de fronteiras.

19 MAIO, SÁBADO, 21H30, SALA POLIVALENTE CAMJAP

THE HOSTAGE

REAL. LAILA PAKALNINA, LETÓNIA, 2006.

O terrorismo internacional chega a Riga, envolvendo o rapto de um rapaz e outras personagens expressivas, incluindo um simpático “pirata do ar”. Um filme enigmático que aborda temas tão díspares como o terrorismo e a identidade nacional da república báltica.





23 MAIO, QUARTA, 21H30, GRANDE AUDITÓRIO

CES RENCONTRES AVEC EUX

REAL. JEAN-MARIE STRAUB E DANIÈLE HUILLET,
FRANÇA, 2006.

Estreado no final de 2006, um pouco antes da morte de Danièle Huillet, este filme é a sequência de *Dalla nube alla resistenza* (1979). Filme baseado na obra de Cesare Pavese *Dialoghi con Leucò*.

20 MAIO, DOMINGO, 21H30, GRANDE AUDITÓRIO

WOMAN ON THE BEACH

REAL. HONG SANGSOO, COREIA DO SUL, 2006.

Woman on the beach é um filme sobre dois homens e duas mulheres, envolvidos num romance que não dura mais do que uma noite. O filme debruça-se sobre a psicologia de jovens amantes que partilham a mesma cama, nada mais. “Devo deixá-la?”; “Deverei sugerir mantermo-nos em contacto?”; “Será que isto se irá transformar numa relação a sério?” – enquanto estes pensamentos ocupam as suas mentes ninguém é capaz de prever como os seus romances irão terminar. Será apenas um caso de uma noite e nada mais? Ou será o início de uma nova relação?

22 MAIO, TERÇA, 21H30, SALA POLIVALENTE CAMJAP

WAR AND PEACE

REAL. ANAND PATWARDHAN, ÍNDIA, 2002.

Filmado ao longo de três anos tumultuosos na Índia, no Paquistão, no Japão e nos Estados Unidos, na sequência de testes nucleares realizados no subcontinente indiano, trata-se de uma viagem documental sobre o activismo pacifista perante o militarismo global e a guerra.



24 MAIO, QUINTA, 21H30, SALA POLIVALENTE CAMJAP

STORIES FROM THE NORTH

REAL. URUPHONG RAKSASAD, TAILÂNDIA, 2006.



Um retrato documental de Chiang Rai, a região do Norte da Tailândia onde cresceu o próprio realizador. O filme é composto por oito capítulos mais ou menos independentes (ou nove, se contarmos um meio-capítulo como um todo), alguns dos quais inicialmente realizados e exibidos como curtas-metragens autónomas. Cada um dos capítulos incide sobre pessoas diferentes e narra uma história diferente.

25 MAIO, SEXTA, 21H30, SALA POLIVALENTE CAMJAP

FALLEN

REAL. BARBARA ALBERT, ÁUSTRIA, 2006.



Cinco amigas – Nina, Brigitte, Alex, Nicole e Carmen –, todas elas com trinta e poucos anos, reencontram-se pela primeira vez em catorze anos quando regressam à pequena terra de origem para assistir ao funeral do seu professor preferido. Imprevisivelmente, o encontro prolonga-se pela noite dentro e pelo dia seguinte, conduzindo-as numa viagem pelo passado, pelo presente e pelo futuro, reabrindo velhas feridas, mas permitindo também redescobrir amizades. Será que os sonhos destas mulheres se perderam simplesmente ao longo dos anos, ou haverá ainda nas suas vidas lugar para novas utopias?

**26 MAIO, SÁBADO, 21H30, GRANDE AUDITÓRIO
ÍNDIO NACIONAL**
REAL. RAYA MARTIN, FILIPINAS, 2006.



Uma mulher que não consegue adormecer e um homem que lhe conta uma história sobre as causas da falta de harmonia no mundo. Segue-se um filme mudo, a preto e branco, passado na última década do século XIX, durante a revolução filipina contra a colonização espanhola. Uma série de sequências trágicas e cómicas relata as três fases da vida de um índio (“homem comum”) que começa por ser o rapaz que toca o sino numa igreja de aldeia, para depois se tornar um jovem revolucionário e, por fim, um desgastado actor de teatro.



**27 MAIO, DOMINGO, 21H30, GRANDE AUDITÓRIO
LA RABBIA**

REAL. PIER PAOLO PASOLINI, ITÁLIA, 1963.

O ensaio poético em filme de Pasolini, *La Rabbia* (literalmente, “A Raiva”), pretendia ser uma denúncia feroz dos tempos por um marxista, e consiste numa montagem de registos documentais dos anos 50, na qual imagens de acontecimentos-chave da política são pontuados com cenas do mundo da cultura. O comentário altamente evocativo do realizador, metade prosa e metade poesia, é lido pelo pintor Renato Gattuso e pelo escritor Giorgio Bassani. Posteriormente, foi encomendado a Giovanni Guareschi, situado politicamente à direita, um segmento complementar ao que Pasolini tinha realizado. Todo o material foi reunido num único filme, que acabou por nunca ser distribuído comercialmente. Nesta sessão recupera-se o trabalho de Pasolini.

Colaboração: Centro Sperimentale di Cinematografia
– Cineteca Nazionale

**29 MAIO, TERÇA, 21H30, SALA POLIVALENTE CAMJAP
SPIDER LILIES**

REAL. ZERO CHOU, TAIWAN, 2007.



Jade é uma jovem que vive com a avó e cujo *hobby* é expor-se através da webcam. Em poses excitantes, promete experiências eróticas aos parceiros de chat com um entusiasmo inocente. De repente, o horizonte de Jade alarga-se quando conhece uma mulher mais madura, Takeko, artista de tatuagens.

30 MAIO, QUARTA, 21H30, SALA POLIVALENTE CAMJAP
THE BRIDGE
REAL. ERIC STEEL, EUA, 2006.



Um relato provocatório e implacável dos suicídios ocorridos na ponte de Golden Gate, em São Francisco; filme profundo, bastante controverso, sobre a crise do espírito humano e as ténues ligações entre a vida e a morte, entre os que morrem e aqueles que ficam.

31 MAIO, QUINTA, 21H30, SALA POLIVALENTE CAMJAP
ROUTE 225
REAL. YOSHIHIRO NAKAMURA, JAPÃO, 2005.

O título do filme sugere duas coisas: em primeiro lugar, há a palavra *route*, ou seja, estrada ou percurso; por outro lado, há o equivalente fonético *root*, em inglês, que significa raiz quadrada. A raiz quadrada de 225 é 15, uma metáfora para a idade de 15 anos. Esta é uma história sobre Eriko, a protagonista, quando tem entre 14 e 15 anos.



1 JUNHO, SEXTA, 21H30, SALA POLIVALENTE CAMJAP
TACHIGUISHI RETSUDEN
REAL. OSHII MAMORU, JAPÃO, 2006.

Tachigui significa literalmente “come de pé” – uma palavra que será aproximadamente equivalente à expressão inglesa *fast food*, comida rápida. No Japão, densamente povoado, qualquer pessoa viveu já a experiência das refeições *tachiguior*, não apenas através dos gigantes dos hambúrgueres americanos, mas num sentido mais vasto, que pode incluir também as cadeias de restauração baratas e populares de bancadas de soba e *gyudon* (tigela de arroz e carne). Oshii é de opinião de que a história e evolução do *tachigui* ao longo das décadas no Japão está profundamente relacionada com a história geral do país.

2 JUNHO, SÁBADO, 21H30, SALA POLIVALENTE CAMJAP
POTOSI
REAL. RON HAVILIO ISRAEL/FRANÇA, 2007.

Em 1970, após o seu casamento, Ron e Jacqueline partem em direção aos Andes, de mochilas e câmaras de filmar às costas. Durante a travessia da Bolívia, no caminho para Cuzco, descobrem a cidade de Potosi. 29 anos mais tarde, regressam aos mesmos lugares, mas desta vez com as suas três filhas e uma câmara de Super 16. Um *road movie* que é simultaneamente uma descrição em tempo real de Potosi e dos Andes e uma viagem introspectiva para o realizador e sua família. ■



CRUZ VERMELHA PORTUGUESA DISTINGUE FUNDAÇÃO

A Cruz Vermelha Portuguesa (CVP) atribuiu à Fundação Calouste Gulbenkian a sua mais alta condecoração – a Placa de Honra –, assinalando, deste modo, “os serviços prestados em favor de causas humanitárias ao longo dos seus 50 anos de existência”. O presidente da Fundação foi agraciado com a mesma condecoração “pela acção realizada à frente da Fundação no apoio à obra da Cruz Vermelha Portuguesa e pela permanente disponibilidade revelada no exercício das diversas funções que exerceu, em prol do mecenato”. Nas palavras de agradecimento proferidas na cerimónia de entrega das distinções, Emílio Rui Vilar lembrou que o apoio à CVP remonta a 1960, altura em que através desta instituição foi concedida ajuda às vítimas do terramoto de Agadir. Depois disso, surgiram “os apoios a equipamentos pesados, como o Lar Militar ou bairros sociais e apoios a equipamentos e a projectos de intervenção na saúde, designadamente no hospital da CVP, na formação e na solidariedade”. À gratidão por esta distinção, Emílio Rui Vilar juntou “o reconhecimento de um relacionamento mutuamente positivo, que constitui um capital de experiência que augura um futuro com novas oportunidades para novos projectos”. ■

AJUDA A MOÇAMBIQUE

A Fundação Calouste Gulbenkian vai subsidiar dois projectos de ajuda de emergência a Moçambique, prestados por organizações não governamentais. O Instituto Marquês de Valle-Flôr recebe 50 mil euros para uma intervenção em Inhassoro, na sequência do ciclone tropical Favio, e o projecto da Oikos de actuação na catástrofe humanitária pós-cheias tem o contributo de 25 mil euros. Este apoio para impedir a progressão de doenças infecciosas enquadra-se no Programa Gulbenkian de Ajuda ao Desenvolvimento. O Instituto Marquês de Valle-Flôr intervirá no distrito de Inhassoro e a Oikos – Cooperação e Desenvolvimento beneficiará um conjunto de famílias deslocadas, agora alojadas em abrigos temporários de Morrumbala (Zambézia) e Mutarara (Sofala). O ciclone tropical que atingiu o centro e sul de Moçambique desalojou 160 mil pessoas, afectando infra-estruturas sanitárias, educativas, de abastecimento de água e electricidade, entre outras. As cheias que se seguiram afectaram 285 mil pessoas e destruíram 80 mil hectares de cultivo. A situação requer urgência na prestação de cuidados preventivos e primários de saúde, na disponibilização de medicamentos e na realização de pequenas intervenções que melhorem a situação sanitária da população. ■

FUNDAÇÃO ATENTA AO “ROTEIRO PARA A INCLUSÃO”

O presidente da Fundação Calouste Gulbenkian participou nos debates sobre o *Compromisso Cívico para a Inclusão*, que fez o balanço do Roteiro proposto há um ano pelo chefe de Estado, Cavaco Silva. A conferência, em Santarém, reuniu cerca de 1200 pessoas, em painéis sobre o crescimento económico, as desigualdades de distribuição de rendimentos e a competitividade e sobre o contributo dos cidadãos e das organizações para a inclusão. O sociólogo Manuel Villaverde Cabral, o presidente da Associação Nacional de Municípios Portugueses (ANMP), Fernando Ruas, e o presidente da Comissão Europeia, Durão Barroso, contribuíram também para a reflexão, em conferências com tradução em linguagem gestual. Nos últimos 12 meses, Cavaco Silva percorreu o país em quatro jornadas dedicadas a: Regiões Periféricas, Envelhecimento e Exclusão, Crianças em Risco e Violência Doméstica, Voluntariado e Exclusão Social em Meio Urbano e Inclusão das Pessoas com Deficiência. ■

ONGD PORTUGUESAS: MAIS SOLIDARIEDADE UE-ÁFRICA

A Plataforma Portuguesa das Organizações não Governamentais para o Desenvolvimento está a desenvolver o projecto Novas Dinâmicas da Solidariedade Norte-Sul, no quadro da Parceria Estratégica União Europeia-África, tema em destaque na agenda para a Presidência portuguesa da UE. A Fundação Gulbenkian associa-se a este projecto, que co-financia com o IPAD e o IEFP. Até 31 de Março de 2008, a iniciativa Novas Dinâmicas terá como objectivo sensibilizar a opinião pública e os agentes de desenvolvimento para as questões da migração e governação nas relações entre o Norte e o Sul. Concretiza-se pela criação de uma *newsletter* mensal e de um *site* em três línguas (*online* a partir de Junho de 2007), pela organização de uma campanha nos media europeus, através de fóruns e grupos de trabalho entre ONGD e organizações da sociedade civil e de debates sobre as questões da cooperação em quatro pontos do país. É nas instalações da sede e com o apoio da Fundação que decorre o Seminário Inter-Continental para o Diálogo Euro-África, centrado nas questões do desenvolvimento, governação e migração, em Outubro, pouco antes da II Cimeira UE-África. A Fundação participa também na iniciativa “Acesso a co-financiamentos alternativos para projectos de ONGD: da teoria à prática – Plataforma Portuguesa das ONGD”, para fortalecer as relações entre estas instituições, numa colaboração com a Plataforma Portuguesa. Em Abril, foram convidadas a Agência Espanhola de Cooperação Internacional (AECI) e o Banco Africano de Desenvolvimento, para conduzirem durante um dia sessões de natureza formativa, na Fundação. A 11 de Maio, a Japan International Cooperation Agency (JICA) dará o seu contributo. ■

PROGRAMA GULBENKIAN AMBIENTE ABRE DOIS NOVOS CONCURSOS

Os concursos Ambiente e Saúde e Agir-Ambiente, recentemente lançados pela Fundação no âmbito do Programa Gulbenkian Ambiente, estão abertos até ao dia 25 de Maio. O concurso Agir-Ambiente propõe-se estimular a capacidade de iniciativa da sociedade, designadamente das universidades, centros de investigação, organizações profissionais, organizações não governamentais, municípios, entre outras instituições, no domínio das alterações climáticas. Podem candidatar-se entidades colectivas, designadamente instituições públicas ou privadas sem fins lucrativos, com acções de formação, de disseminação de informação científica e de demonstração prática relevante, junto de diferentes públicos alvo, e que possam revestir-se de reconhecido interesse informativo e formativo. O Concurso Ambiente e Saúde prevê o financiamento de projectos de investigação e desenvolvimento nessas áreas, destinando-se a instituições públicas ou privadas sem fins lucrativos, com projectos inovadores, indutores de aperfeiçoamento de políticas públicas e de alterações comportamentais, que visem um melhor conhecimento das consequências das disfunções ambientais, decorrentes da poluição do ar e das alterações climáticas, nas condições de saúde das populações. Os Regulamentos estão disponíveis em www.gulbenkian.org. ■

EMÍLIO RUI VILAR NAS TERTÚLIAS DO CASINO DA FIGUEIRA

O Casino do Figueira convidou o presidente da Fundação Gulbenkian para uma tertúlia, no dia 17 de Abril, moderada pelo jornalista António José Teixeira. Com esta iniciativa o Casino quis assinalar uma dupla efeméride: o cinquentenário da Fundação e os 125 anos da elevação da Figueira da Foz a cidade. Emílio Rui Vilar falou da instituição e do fundador, que por um acaso veio parar a Portugal, quando ia a caminho dos Estados Unidos da América. “Calouste Gulbenkian optou por ficar num país politicamente isolado e culturalmente atrasado, deixando a Portugal uma instituição que colocou ao serviço das ciências, artes, desenvolvimento humano e educação.” Assumir a responsabilidade de gestão deste legado “é, por isso, um desafio exigente e estimulante”, frisou Emílio Rui Vilar. Mário Soares, Almeida Santos e Filipe Duarte Santos foram os três primeiros convidados das tertúlias mensais do Casino na Figueira. Seguem-se, entre outros, Marcelo Rebelo de Sousa e Pacheco Pereira. ■



BIBLIOTECA PESSOAL DE CALOUSTE GULBENKIAN EM SITE

A biblioteca pessoal de Calouste Gulbenkian está já disponível para consulta no *site* www.bibliotecaparticular.gulbenkian.pt. O projecto resulta de dois anos de trabalho de identificação, catalogação e recuperação dos cerca de três mil volumes que constituem a biblioteca pessoal do Fundador e foi desenvolvido no âmbito das comemorações do cinquentenário da Fundação. O núcleo agora disponibilizado para consulta, constitui um instrumento importante para a compreensão dos gostos e preferências estéticas do Fundador, revelando uma parte relativamente desconhecida do legado cujo acesso é reservado, por razões que se prendem com o seu inegável valor patrimonial. Na sessão de apresentação pública do *site*, realizada em Abril, o presidente da Fundação lembrou o carácter “obstinadamente discreto” do Fundador, o qual “rarissimamente falava ou escrevia sobre si próprio”, pelo que “conhecer os seus livros é começar a conhecer a sua personalidade, a sua formação, a diversidade dos seus interesses, a sua preocupação com informação rigorosa e o modo como reagia através das anotações que amiúde fazia sobre o que via e lia”. O *site* foi apresentado por Ana Barata, bibliotecária de referência da Fundação e uma das responsáveis por este projecto. ■

MAIS ARTE E CULTURA NA ESCOLA

A Matemática, as Ciências da Natureza, o estudo da Antiguidade Clássica também podem andar a par com o gosto pelo Belo. As tradicionais disciplinas do 3º ciclo conhecem novas abordagens através de um projecto financiado pela Fundação. *Arte e Cultura na Escola* foi apresentado em Abril, no Auditório 3 da Fundação, pela coordenadora do projecto, Teresa Gil, que o considera um elemento fundamental para uma “educação de combate à indiferença e à passividade”. Na prática, o projecto fomenta a interacção da arte e da cultura com todas as disciplinas que integram os currículos do 3º ciclo, através de materiais criados para o efeito – fichas-tipo e cd/dvd com conteúdos dedicados a cada disciplina. Aprender Matemática olhando para um quadro de Van Gogh ou alargar o vocabulário francês ou inglês a partir de um quadro de Renoir, são alguns dos exemplos já postos em prática pelo projecto. A Escola Secundária de Linda-a-Velha tem sido o laboratório de ensaio da iniciativa “bem sucedida”, de acordo com a directora executiva, que refere o maior interesse dos alunos pelas matérias que integram a multidisciplinaridade. Ana Páscoa salienta que esta é uma forma de “suprimir as lacunas artísticas do ensino normal”. Para o administrador da Fundação, Eduardo Marçal Grilo, este projecto inovador permite o acesso dos alunos “à cultura e à beleza” que anda tão afastada do que lhes é transmitido actualmente pelo audiovisual. Uma iniciativa que permite o “enriquecimento das disciplinas” e que pode ser alargada a outras escolas, de forma a contribuir para aproximar a arte e a cultura das práticas pedagógicas. ■

HISTÓRIA E ANTOLOGIA DA LITERATURA PORTUGUESA. SÉCULOS XIII – XV

COORD. ISABEL ALLEGRO DE MAGALHÃES;
VOLUME I

Os fascículos sobre literatura portuguesa que durante uma década foram distribuídos com o *Jornal de Letras* e em bibliotecas públicas vão ser compilados numa antologia, em três volumes. O primeiro deles é apresentado no dia 2 de Maio, pelas 18h, no auditório 3 da Fundação, por Maria Alzira Seixo. Isabel Allegro de Magalhães coordenou a obra, que compila textos desde os primórdios da nacionalidade, no século XIII, até ao século XV. Os dois volumes que completam a trilogia continuam a recolha cronológica até ao século XVII. ■



PLANTAS AROMÁTICAS EM PORTUGAL CARACTERIZAÇÃO E UTILIZAÇÕES

A. PROENÇA DA CUNHA, JOSÉ ALVES RIBEIRO, ODETE RODRIGUES ROQUE

Um livro em forma de monografia que dá a conhecer o perfil de 83 plantas aromáticas: a sua origem, *habitat* e distribuição geográfica, uma descrição botânica sumária, as partes que podem ser utilizadas, a composição do seu óleo essencial e acções farmacológicas. Sobre cada uma destas plantas há um currículo de potencialidades nas áreas da fitoterapia, aromaterapia, cosmética, perfumaria, actividade antioxidante e condimentar. A obra permite também compreender a evolução no emprego das plantas aromáticas, desde as civilizações antigas até aos nossos dias. ■

O CONCEITO DE DIREITO

HERBERT L. A. HART, 5ª EDIÇÃO

PÓS-ESCRITO EDITADO POR PENÉLOPE A. BULLOCH E JOSEPH RAZ,
TRADUÇÃO DE A. RIBEIRO MENDES

Com rigor e análise, o autor discute a natureza do Direito, a distinção dos conceitos de leis, comandos e ordens, as relações entre o soberano e o súbdito, entre a justiça e a moral, e entre esta e o Direito. Na sua 5ª edição em português, esta é uma obra de grande prestígio entre os cultores da filosofia do Direito e da teoria geral do Direito. Aquando da sua publicação em inglês, em 1961, *O Conceito do Direito* transformou o modo como se compreendia e estudava o assunto, e deu origem a uma multiplicidade de publicações que discutem o livro e as suas doutrinas, não só no contexto da Teoria Jurídica, mas também da Filosofia Política e da Filosofia Moral. ■

O PROCESSO DE DEGRADAÇÃO DAS PROTEÍNAS

Nome: Rossana Henriques*

Idade: 34 anos

Área: Ciências Biológicas



QUAL A SUA CARREIRA ACADÉMICA ATÉ INICIAR O PÓS-DOCTORAMENTO?

Fiz a licenciatura em Biologia na Universidade de Coimbra e aí também realizei o mestrado em Biologia Celular. Desde o início do curso que me interessei por Biologia Molecular de Plantas e, quando surgiu a possibilidade de fazer o doutoramento, fui para Lisboa trabalhar no Instituto de Ciência Aplicada e Tecnologia com a Prof. Salomé Pais. Esta mudança acabou por marcar o meu percurso porque me permitiu ir para o laboratório do doutor Csaba Koncz no Max-Planck Institute de Colónia. Acabei por ficar em Colónia durante mais de dois anos e ali fiz grande parte do doutoramento. Desenvolvi um projecto de identificação e caracterização de mutantes afectados no transporte de metais e isolei genes envolvidos em “hormone signalling”. Depois disso, mudei-me para o Royal Holloway College, em Londres, onde fiz o meu primeiro pós-doutoramento. Em Londres, estudei um tipo específico de proteínas, as “kinases”, que regulam o crescimento das células, bem como o seu processo de divisão. Este projecto foi muito interessante e comecei a querer aprender mais acerca dos mecanismos que regulam o funcionamento das proteínas e como esses mecanismos afectam, depois, o desenvolvimento das plantas a vários níveis.

QUE TEMA INVESTIGA ACTUALMENTE?

Estou no Plant Molecular Biology Laboratory da Rockefeller University. Cheguei a Nova Iorque há um ano e meio e tenho estado a trabalhar com o processo de degradação de proteínas. Neste âmbito, estou envolvida em dois projectos. O primeiro pretende entender por que é que certas proteínas são produzidas em diferentes fases do dia e o que condiciona a sua produção e, depois, a sua degradação. Recentemente, surgiu um grande interesse na Biologia Vegetal em compreender como é que estes mecanismos de degradação de proteínas condicionam o desenvolvimento das plantas. Conseguimos já resultados

interessantes que esperamos publicar brevemente.

O segundo projecto consiste no estudo da estabilidade de certas proteínas que regulam os mecanismos de transcrição, isto é, são capazes de condicionar que genes se activam e são copiados. Estas proteínas são activadas pela luz e regulam, em última análise, a maneira como as plantas “sentem” o ambiente que as rodeia. Embora apenas recentemente tenha iniciado este trabalho, o meu laboratório tem estudado este assunto desde há muitos anos e espero obter resultados interessantes que contribuam para um melhor entendimento dos processos que regulam o desenvolvimento das plantas e o modo como estas interagem com o ambiente que as rodeia.

PROJECTOS FUTUROS...

De momento, os meus projectos futuros ainda são um pouco a médio prazo. Actualmente, para se conseguir algo mais definitivo a nível profissional, é necessário ter excelentes experiências profissionais e, igualmente, possuir o *know-how* necessário para orientar cientistas mais jovens. Assim sendo, tenho orientado o meu percurso de forma a adquirir as competências necessárias para, um dia, liderar o meu próprio grupo de investigação. Estou interessada em continuar a estudar proteínas que regulam os processos de desenvolvimento das plantas, especialmente os mecanismos que controlam o funcionamento dessas proteínas e, depois, como elas próprias afectam outras proteínas ou mesmo genes, assim gerando uma dada resposta ao estímulo inicial. Estas vias de transdução do sinal têm vindo a ser elucidadas em plantas, mas ainda existem muitas perguntas por responder, que permitirão entender como estes organismos conseguem adaptar-se ao ambiente que as rodeia. ■

* bolseira do Serviço de Educação e Bolsas no Laboratory of Plan Molecular Biology, Rockefeller University, NY

A JOALHARIA COMO FORMA DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA

Nome: Margarida Matos*

Idade: 28 anos

Área: Joalheria



COMO AVALIA A SUA EXPERIÊNCIA DO ROYAL COLLEGE OF ART?

O mestrado no Royal College of Art (RCA) tem proporcionado um grande avanço no meu projecto pessoal de trabalho em Joalheria e em outros media, entre os quais vídeo, fotografia e colagem. Sempre com o apoio de tutores e técnicos, iniciei o meu projecto no RCA com o desenvolvimento da minha tese de mestrado, subordinada ao tema “Precioso” que se tem vindo a concretizar no meu projecto de Joalheria. Ao longo do mestrado, tenho tido como orientadores grandes nomes da joalheria contemporânea, por exemplo David Watkins e Hans Stofer, que me forneceram uma experiência muito positiva de trabalho e, também, confiança nos meus projectos.

PODE FALAR-NOS DE UMA OU DUAS PEÇAS QUE TENHA CRIADO?

Durante os dois últimos anos tenho vindo a desenvolver séries de alfinetes de peito, reflectindo no conceito de “precioso” de outra forma. Colecciono e utilizo peças antigas de joalheria e de fotografia, dando-lhes outra identidade cobrindo-as de diferentes materiais (metal, plásticos, algodão) deixando revelar alguns detalhes das peças “recicladas”, como fragmentos de memórias do passado. A partir de vestígios do passado, crio um diálogo entre o presente e o futuro.

Com este projecto surgiu o meu interesse de incluir a fotografia nas minhas peças. Desde então, parte da pesquisa de mestrado tem sido baseada em técnicas de transferência de imagem para metal, como o esmalte fotográfico. Usando diferentes técnicas de decalque para esmalte, iniciei outra série de alfinetes de peito baseados nas composições gráficas das fotografias antigas, em situações da vida banal, na actualidade, em Londres.

Ao longo do mestrado e para exposição *Work in Progress* no RCA, desenvolvi também projecções de vídeo, como

a instalação intitulada *Narcissus* que teve o apoio da artista Johanna Dahm, no trabalho do tema: pele, a procura de identidade e sua relação com joalheria.

E DEPOIS DO MESTRADO?

Durante o mestrado tive a oportunidade, muito gratificante, de ensinar Joalheria na London Metropolitan University. Pretendo inserir-me numa instituição de ensino e repartir o meu tempo entre o ensino e a prática e pesquisa para novos projectos. Tenho algumas exposições em vista, mas Joalheria ainda não é bem aceite como uma arte plástica. Gostaria de poder continuar a desenvolver o meu trabalho integrando diferentes media com joalheria, abrindo um campo diferente para a Joalheria contemporânea, não só como uma arte decorativa, mas como uma forma de expressão artística. ■

*bolseira do Serviço de Belas-Artes no Royal College of Art, Londres

VASO GREGO CALYX-KRATER ÁTICA

E estamos perante “o mais belo exemplar” de vasos gregos existente em Portugal, nas palavras da professora Maria Helena da Rocha Pereira, a maior estudiosa desta categoria artística no nosso país. Com a forma de *calyx-krater*, forma destinada especificamente a misturar a água com o vinho, este recipiente cerâmico monumental foi encontrado em Agrigento, na Sicília, e é pintado com a técnica das figuras vermelhas, introduzida a partir de 530 a . C. Esta técnica consistia em cobrir de negro todo o fundo do vaso, exceptuando o espaço ocupado pelas figuras. O vaso Gulbenkian, datável de c. 440 a. C. , já após a vitória dos Gregos sobre os Persas, acusa, porém, o estilo livre da época e a inovação introduzida pelo Pintor dos Nióbidas de representar em vários níveis uma série de figuras em discurso narrativo. Temos aqui, no registo superior, o rapto das Leucípides pelos gémeos Castor e Pólux e, no inferior, uma cena dionisiaca, com sátiros perseguindo ménades. As duas cenas são enquadradas por frisos, todos diferentes, o superior de palmetas em posição oblíqua, o médio de óvulos e o inferior de gregas alternadas com cruces de Santo André. Atribuído ao “pintor de Coghill”, o coleccionador de



vasos gregos Sir John Coghill e seu primeiro proprietário, este vaso fez também parte da famosa colecção de Thomas Hope (1769-1831), conhecido designer e coleccionador inglês da época da Regência. Hope foi um grande entusiasta e impulsionador da corrente do Revivalismo Grego naquele país e autor da obra *Household Furniture and Interior Decoration*, de 1807. Foi adquirido por Calouste Gulbenkian em 1917, em leilão da Christie’s, aquando da venda efectuada pelos herdeiros de Thomas Hope. A título excepcional, visto tratar-se de uma peça única e frágil, este vaso foi recentemente, e pela primeira vez, emprestado por um período de três meses ao Museu Nacional de Arqueologia, para integrar a exposição *Vasos gregos em Portugal. Aquém das Colunas de Hércules*, comissariada cientificamente por Maria Helena da Rocha Pereira. ■ **Maria Rosa Figueiredo**

Vaso Grego: Calyx-Krater

Ática, c. 440 a . C.

Pintor de Coghill. Técnica de figuras vermelhas.

Terracota, alt.: 42 cm. Diâm. max.: 44cm.

Inv. 682



MANUEL ROSA S/ TÍTULO (BARCO PARTIDO)

A ruína de um barco de pedra, estreito, partido e impossível, situa-nos no contexto da exploração de um rio, de uma floresta e de um isolamento imaginários. O calcário é macio e claro – e, portanto, indutor de uma empatia fácil –, mas essa sua qualidade, assumida pela ficção artística do objecto, oblitera por momentos a realidade também concreta da sua desadequação a uma função: o peso faria dele, desde a origem, uma relíquia afundada.

Por outro lado, as fracturas, a quebra cuidadosa e cirúrgica da sua integridade, reafirmam essa condição dúbia de barco agredido e de pedra esculpida, de narrativa e de ensaio estético, de perda e de recuperação. Desenhado como uma linha longa e estreita na paisagem, com dimensões que não acolheriam qualquer humano, o barco assenta sobre a figuração de um leito, também recortado a pedra, que marca o desvio, a imprecisão, talvez o erro cometido no percurso a que estava destinado.

Abandono e fossilização ou desenterro e polimento: o momento da exposição gloriosa do troféu interroga necessariamente mais esta dupla possibilidade. A construção da História é uma compulsão estimulada

pelo acolhimento de objectos, e há algo de comentário museológico na proposta quase etnográfica desta obra. Finalmente, se a viagem, como sonho, resolve a ânsia de partir, também contém em si a incógnita de um decurso e de tudo o que o momento da chegada acrescentará à existência interrompida num dado lugar. Um veículo feito de vários módulos pode figurar a metáfora de um percurso escalonado, progressivamente enriquecido e tendendo para a construção gratificante de uma globalidade. ■ **Leonor Nazaré**

Manuel Rosa (1953)

S/ Título (Barco Partido), 1987

Calcário

23 x 410 x 35 cm

Inv. 89E468

Nota: Obra exposta no Museu de Francisco Tavares Proença Júnior, em Castelo Branco, de 18 de Maio a 29 de Julho, no contexto de TRANSFERT, que leva obras do CAMIAP a nove locais diferentes. Esta iniciativa integra o Fórum Cultural Estado do Mundo.

LES ÉLÉGIES MAJEURES DE LÉOPOLD SÉDAR SENGHOR

Se a colonização dos novos territórios além-mar descobertos aconteceu a partir do século XVI, foi no século XIX que os grandes impérios coloniais se construíram e consolidaram. O desenvolvimento industrial sentido desde o final do século XVIII provocou a necessidade de, por um lado, procurar matérias-primas para alimentar as fábricas e, por outro, de encontrar novos mercados para os produtos por elas produzidos. Até 1870, o processo de expansão económica e ocupação territorial foi mais ou menos limitado, tendo a aceleração da “febre” imperialista ganhado uma nova dinâmica durante o último quartel de Oitocentos. Pelas suas riquezas naturais, o continente africano foi o que maior cobiça suscitou por parte das potências da época, dominadas pela Inglaterra e pela França. A elas couberam os maiores e melhores pedaços repartidos por um conjunto de 14 países – entre os quais Portugal –, reunidos com esse propósito, entre Novembro de 1884 e Janeiro de 1885, em Berlim. Nesta partilha, a França ficou com territórios na costa mediterrânica e na costa ocidental de África.

A povoação costeira a sul de Dakar onde Léopold Sédar Senghor nasceu, em 1906, pertencia a uma das colónias africanas de França. Poeta, académico e político, Senghor tornou-se, em 1960, o primeiro presidente da República do Senegal, quando esta antiga possessão francesa se tornou independente. Em 1934, ainda estudante em Paris, fundou a revista *L'Étudiant noire*, juntamente com Aimé Césaire e Léon G. Damas, que também provinham de colónias francesas, da Martinica e da Guiana, respectivamente. Esta revista tornou-se a porta-voz de um importante movimento de contestação ideológica ao colonialismo e à dominação europeia e, simultaneamente, de afirmação e orgulho da raça negra, da sua



história e das suas tradições culturais. A Negritude, que se afirmou sobretudo no campo literário, foi definida por Léopold Senghor em diversos escritos e poemas como “o conjunto dos valores culturais do mundo negro, tal como são expressos na vida, nas instituições e nas obras dos Negros”. Eleito para a Academia francesa em 1983 e detentor de diversos prémios literários, Léopold Senghor faleceu em 2001. Algumas das suas obras poéticas foram objecto de edições especiais, como *Les élégies majeures*, publicada em 1978. A edição da Biblioteca de Arte tem a particularidade de cada um dos poemas consagrados a amigos seus ser ilustrado por vários artistas contemporâneos como Maria Helena Vieira da Silva e Zao Wou-Ki. Este exemplar apresenta ainda o valor acrescido de uma dedicatória de Léopold Senghor à Fundação Calouste Gulbenkian. ■ **Ana Barata**

TÍTULO/ RESP *Les élégies majeures de Léopold Sédar*

Senghor : suite des illustrations originales

PUBLICAÇÃO Paris : Editions Regard, 1978

DESCR. FÍSIC [17] gravuras : il. ; 77x55x1 cm

CONTÉM “Élégie des Halizés”; ilus. por Hans

Hartung. “Élégie pour Jean-Marie”; ilus. por Zao Wou-Ki.

“Élégie pour Martin Luther King”; ilus. por Alfred

Manessier. “Élégie pour Georges Pompidou”; ilus. por

Marie-Hélène Vieira da Silva. “Élégie de Carthage”; ilus.

por Pierre Soulages. “Élégie pour la Reine de Saba”; ilus.

por Étienne Hajdu.

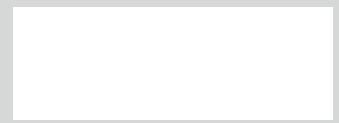
NOTAS Folhas soltas acondicionadas em capa própria.

Dedicatória mss.: “A la Fondation Gulbenkian en

hommage d’amitié, Senghor”. Exemplar n° XXV/XXXV

COTA(S) LA 6 RES

AGENDA



EXPOSIÇÕES

Horário de abertura das exposições, das 10h00 às 18h00 [encerradas às segundas-feiras]

As visitas guiadas para turistas no Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão e para grupos [mínimo 10 e máximo 20 pessoas] requerem marcação prévia para o tel. 21 782 36 20 [€60 por grupo em língua estrangeira e €50 por grupo nacional].

AINDA PODE VER...



ATÉ 15 JULHO

PAISAGEM INTERIOR

JOSÉ PEDRO CROFT

Nesta instalação, encomendada pelo Museu para assinalar o cinquentenário da Fundação, o visitante confronta o corpo com objectos cujo desenho espacial é materializado em estruturas metálicas com vidros e espelhos. As peças projectadas demarcam-se pela geometria abstracta das formas e pela frieza técnica dos materiais, mas citam, em tudo, o Museu como edifício, os mecanismos de exposição dos objectos e o próprio carisma da Colecção.

Átrio da recepção do Museu Calouste Gulbenkian

ATÉ 22 JULHO

UMA OBRA EM FOCO

A ESCULTURA BACO DE MICHAEL RYSBRACK (1693-1770)

Iniciativa que se propõe centrar a observação do público numa só obra dificilmente integrável no discurso expositivo do Museu Gulbenkian e por isso mantida em reserva. Criada em 1751 por Michael Rysbrack, artista flamengo que trabalhou em Londres na primeira metade do século XVII.

Galeria de Exposição Permanente do Museu

MÚSICA

3, QUINTA, 21H00

4, SEXTA, 19H00

ORQUESTRA GULBENKIAN

Jean-Claude Casadesus MAESTRO

Anne Gastinel VIOLONCELO

Olivier Messiaen, Dmitri Chostakovitch, Sergei Prokofiev, Maurice Ravel

No centenário do nascimento de Dmitri Chostakovitch

Grande Auditório

6, DOMINGO, 12H00

CONCERTOS DE DOMINGO

Carla Seixas PIANO

Augusto Rodrigues TROMPA

Sandra Medeiros SOPRANO

Richard Strauss, Robert Schumann, Francisco de Lacerda, Enrique Granados, Wolfgang Amadeus Mozart, Franz Schubert

Átrio da Biblioteca de Arte

7, SEGUNDA, 19H00

CICLO DE MÚSICA DE CÂMARA

QUARTETO PRAZÁK

Václav Remes VIOLINO

Vlastimil Holec VIOLINO

Josef Kluson VIOLA

Michal Kanka VIOLONCELO

Alexander Zemlinsky, Johannes Brahms

Grande Auditório

8, TERÇA, 19H00

CICLO DE MÚSICA DE CÂMARA

QUARTETO PRAZÁK

Václav Remes VIOLINO

Vlastimil Holec VIOLINO

Josef Kluson VIOLA

Michal Kanka VIOLONCELO

Pedro Burmester PIANO

Alexander Zemlinsky, Johannes Brahms

Grande Auditório

10, QUINTA, 21H00

11, SEXTA, 19H00

ORQUESTRA E CORO GULBENKIAN

Simone Young MAESTRINA

Giuseppe Verdi, Anton Bruckner

Grande Auditório

12, SÁBADO, 18H00

COMENTÁRIO PRÉ-CONCERTO

Auditório Três

12, SÁBADO, 19H00

VANGUARDAS / NOVAS VANGUARDAS

REMIX ENSEMBLE

Peter Rundel DIRECÇÃO

Helmut Lachenmann NARRADOR

Rosemary Hardy SOPRANO

Ciclo Remix III:

Duplo Retrato Rihm / Lachenmann

Helmut Lachenmann, Wolfgang Rihm

Grande Auditório

14, SEGUNDA, 19H00

SOLISTAS DA ORQUESTRA GULBENKIAN

Maria Balbi VIOLINO
Maia Kouznetsova VIOLA
Levon Mouradian VIOLONCELO
Esther Georgie CLARINETE
José Mosqueda CLARINETE
Bruno Graça CLARINETE
Ingeborg Baldaszi PIANO
Ludwig van Beethoven, Arnold Schönberg

Auditório Dois

15, TERÇA, 19H00

CICLO NOVOS INTÉRPRETES

TRIO MEDITERRAIN

Laura Ruiz Ferreres CLARINETE
Bruno Borralhinho VIOLONCELO
Kim Barbier PIANO
Ludwig van Beethoven, Robert Schumann, João Pedro Oliveira, Alexander von Zemlinsky

Nos 150 anos da morte de Robert Schumann

Auditório Dois

17, QUINTA, 21H00

18, SEXTA, 19H00

ORQUESTRA GULBENKIAN

Emmanuel Krivine MAESTRO
Victor Aviat OBOÉ
Johannes Brahms, Wolfgang Amadeus Mozart, Franz Schubert
Nos 250 anos do nascimento de Wolfgang Amadeus Mozart
Grande Auditório

19, SÁBADO, 19H00

CICLO DE MÚSICA DE CÂMARA

Hilary Hahn VIOLINO
Valentina Lisitsa PIANO
Leos Janáček, Giuseppe Tartini, Wolfgang Amadeus Mozart, Eugène Ysaÿe, Ludwig van Beethoven
Nos 250 anos do nascimento de Wolfgang Amadeus Mozart
Grande Auditório

22, TERÇA, 19H00

CICLO DE PIANO

Kirill Gerstein PIANO
Programa a anunciar
Grande Auditório

24, QUINTA, 21H00

25, SEXTA, 19H00

ORQUESTRA GULBENKIAN

Lawrence Foster MAESTRO
Lang Lang PIANO
Fryderyk Chopin, Georges Enesco
Grande Auditório

27, DOMINGO, 12H00

CICLO GRANDES ORQUESTRAS MUNDIAIS

ORQUESTRA SINFÓNICA DE LONDRES

Daniel Harding MAESTRO
Javier Perianes PIANO
Antonin Dvorák, Heitor Berlioz, Maurice Ravel
Fundação Calouste Gulbenkian/BPI
Coliseu dos Recreios

VISITAS TEMÁTICAS NO CAMJAP

Entrada livre. Não é necessária marcação prévia.

CICLO ARTE E NATUREZA

5, SÁBADO, 15H00

O jardim Gulbenkian: um paraíso em Lisboa,
por Carlos Carrilho

6, DOMINGO, 12H00

O corpo na paisagem: escultura ao ar-livre,
por Susana Anágua

13, DOMINGO, 12H00

Um passeio no parque: espécies vegetais e animais,
por Patrícia Tiago e Sara Sousa

CICLO GÊNEROS E MODOS

12, SÁBADO, 15H00

A paisagem como construção do olhar,
por Carlos Carrilho

VISITAS TEMÁTICAS NO MUSEU

Visitas orientadas às galerias de exposição permanente do Museu; adultos – grupos organizados: terça, 15h00; duração: c. 1h30. n.º participantes: mínimo 5/máximo 10; tel. 21 782 34 56 ou e-mail: isilva@gulbenkian.pt (sujeito a marcação prévia até 15 dias antes da data prevista)

DIA INTERNACIONAL DOS MUSEUS

18, SEXTA, 11H00 E 15H00

A Arte de conservar o Património

Visitas orientadas horas para os visitantes do Museu
Inscrição livre, sobre a hora, para visitantes individuais
Para grupos, contactar o Serviço Educativo

CURSOS

5 E 6, SÁBADO E DOMINGO,

10H00 ÀS 13H00 E 14H30 ÀS 17H30

Arquivo - videoarte, por Sandra Vieira Jürgens

A produção artística no campo da videoarte integra uma pluralidade de direcções, formas e âmbitos de actuação. Neste curso pretende-se apresentar a história, as tendências e as transformações desta área no contexto das práticas artísticas contemporâneas.

Sala 4, Sede da Fundação

€60 [marcação prévia]

EVENTOS

ANOS GULBENKIAN

Colóquio e ciclo de cinema português, comissariado por João Bénard da Costa.

5 E 6, SÁBADO E DOMINGO, 15H30, 18H30 E 21H30

CICLO DE CINEMA

Grande Auditório

11, SEXTA, A PARTIR DAS 15H30

COLÓQUIO

Auditório Três

FÓRUM CULTURAL O ESTADO DO MUNDO

GRANDES LIÇÕES

A URGÊNCIA DA TEORIA

Tomar o espaço público como um espaço privilegiado para a apresentação e discussão de teses ou aporias que questionem as múltiplas dimensões das sociedades contemporâneas, dos seus actores, das suas práticas e dos seus desejos foi, desde o início, um dos principais propósitos e razão substancial para a realização deste Fórum Cultural.

Para este conjunto de grandes lições eruditas e não opinativas – dada a qualidade teórica e o prestígio intelectual dos professores convidados – solicitou-se a apresentação de lições que correspondam aos campos de saber dos seus autores e aos seus trabalhos de investigação mais recentes.

18, SEXTA, 18H30

Marc Ferro – *O ressentimento: força obscura e produto da história*

19, SÁBADO, 18H30

Mehdi Belhaj Kacem – *Nilismo e democracia*

20, DOMINGO, 18H30

Suely Rolnik – *Lygia chamando*

22, TERÇA, 18H30

Miguel Vale de Almeida – *Da diferença e da desigualdade: lições da experiência etnográfica*

23, QUARTA, 18H30

Daniel Miller – *Sociedades muito muito pequenas*

24, QUINTA, 18H30

Rasem Badram – *Reflexões sobre a narrativa do lugar (a conversa infinita)*

25, SEXTA, 18H30

Bernard Stiegler – *Tomar cuidado*

26, SÁBADO, 18H30

Paul Gilroy – *Multicultura e convivialidade na Europa pós-colonial*

27, DOMINGO, 18H30

Andy C. Pratt – *O estado da economia cultural: ascensão da economia cultural e desafios do desenvolvimento de políticas culturais*

29, TERÇA, 18H30

Paul D. Miller – *A ciência do ritmo*

30, QUARTA, 18H30

Filipe Duarte Santos – *Sustentabilidade, cultura e evolução*

31, QUINTA, 18H30

Pedro Magalhães – *A 'ciência' da ciência política*
Auditório 2

Entrada livre

CICLO DE CINEMA

TODO O MUNDO É UM FILME

18, SEXTA, 22H00

Desert Dream

Grande Auditório

19, SÁBADO, 21H30

The Hostage

Sala Polivalente CAMJAP

20, DOMINGO, 18H30

Woman on the beach

Grande Auditório

22, TERÇA, 18H30

War and Peace

Sala Polivalente CAMJAP

23, QUARTA, 18H30

Ces rencontres avec eux

Grande Auditório

24, QUINTA, 18H30

Stories from the north
Sala Polivalente CAMJAP

25, SEXTA, 18H30

Fallen
Sala Polivalente CAMJAP

26, SÁBADO, 18H30

Índio Nacional
Grande Auditório

27, DOMINGO, 18H30

La rabbia
Grande Auditório

29, TERÇA, 18H30

Spider lillies
Sala Polivalente CAMJAP

30, QUARTA, 18H30

The Bridge
Sala Polivalente CAMJAP

31, QUINTA, 18H30

Route 225
Sala Polivalente CAMJAP

A PARTIR DO DIA 18 DE MAIO TRANSFERT

Programa de itinerância de obras do acervo da Coleção de Arte do Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão.

Lisboa: ACIME, Escola Secundária António Arroio, ISPA (Instituto Superior de Psicologia Aplicada), Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Economia/Palácio Ventura, Universidade Católica, Escola Secundária D. Filipa de Lencastre.

Fundão: A Moagem – Cidade dos Engenhos e das Artes
Castelo Branco: Museu Tavares Proença Júnior

ATIVIDADES EDUCATIVAS

DESCOBRIR A MÚSICA NA GULBENKIAN

2, QUARTA, 18H30

CHOSTAKOVITCH – CONTINUIDADE OU RUPTURA?
CONFERÊNCIA

Por Alexandre Delgado

Um compositor que quer ser simultaneamente russo mas cosmopolita, moderno mas sem se inserir em nenhuma corrente estética de vanguarda em particular, empenhado na transformação da sociedade mas sem obedecer a nenhum código artístico oficial. Um homem que tem de tentar sobreviver sob um regime totalitário que desconfia da independência criativa dos artistas mas que ao mesmo tempo procura a todo o custo manter a essência da sua integridade pessoal e artística.

Para adultos | Entrada Livre

Auditório Dois

2, 9, 16, 23 E 30, QUARTA, 10H00 E 11H00

VIAGEM AO MUNDO DO SOM

Visita, dos 3 aos 5, dos 6 aos 9 e dos 10 aos 12 anos | €4

3, 10, 17, 24 E 31, QUINTA, 10H00 E 11H00

VIAGEM AO MUNDO DO SOM DO SÉCULO XX

Visita, dos 3 aos 5, dos 6 aos 9 e dos 10 aos 12 anos | €4

4, SEXTA, 11H00

ORQUESTRA GULBENKIAN

CONCERTO COMENTADO

Por Catarina Molder

Jean-Claude Casadesus MAESTRO
Marie-Elisabeth Hecker VIOLONCELO
Chostakovitch, Ravel

Em 1920, Ravel evoca com nostalgia a magia do salão romântico do século anterior com esta homenagem carinhosa à Valsa vienense. Em 1959, o génio do violoncelista Mstislav Rostropovitch encoraja Chostakovitch a compor o seu primeiro concerto para violoncelo, tratando este instrumento como o equivalente a uma voz humana grave, ora poética ora apaixonada. A partir dos 10 anos | €5

Grande Auditório

5, SÁBADO, 10H00 E 15H00

TUDO SE TRANSFORMA – MATERIAIS RECICLÁVEIS*

OFICINA DE CONSTRUÇÃO DE INSTRUMENTOS

Concepção e Orientação: José Pedro Caiado

Tudo aquilo que nos rodeia pode ser transformado em material sonoro. Objectos que à primeira vista classificamos como lixo podem ser parte integrante e fundamental de instrumentos musicais. Vem reciclar e inventar novos instrumentos para – quem sabe – fazer uma pequena orquestra e explorar novas sonoridades. Dos 7 aos 9 [manhã] e dos 16 aos 17 anos [tarde] | €5

7 A 9, SEGUNDA A QUARTA, 10H00

VEM MARIMBARI!

OFICINA DE EXPLORAÇÃO MUSICAL COMPLEMENTAR
AO CONCERTO DOS DRUMMING

Marimbas, sinos, castanholas, timbalos, caixas, pandeiretas, chocalhos, bongo e muitos outros instrumentos de percussão estão ao teu dispor para com eles construíres um itinerário de um concerto em que serás ao mesmo tempo compositor e intérprete.

Dos 5 aos 12 anos | €4

Anfiteatro ao Ar-Livre

11, 18 E 25, SEXTA, 10H00

COMO SE FAZ UM CONCERTO?

Vem conhecer os bastidores e as etapas que precedem a apresentação final de um concerto.

Visita, dos 3 aos 5, dos 6 aos 9 e dos 10 aos 12 anos | €4

18 E 19, QUARTA E QUINTA, 21H00

DRUMMING

PERCURSOS SONOROS PARA UM JARDIM

MINI TEMPORADA

Miguel Bernat DIREÇÃO MUSICAL

Quais os percursos sonoros possíveis no Jardim Gulbenkian? Quais as pulsações, ritmos e sons que o identificam? Cada espaço tem a sua multiplicidade sonora própria, originada pela mesma multiplicidade de elementos, seres e formas que nele habitam.

Um Concerto concebido para enquadrar, descrever e evocar os ambientes e sonoridades deste Jardim, partindo da exploração da riqueza e variedade da marimba em particular e da percussão e do seu lado cénico/coreográfico, que nos sugere e remete para os tempos em que a música e a dança eram indissociáveis.

A partir dos 4 anos | €5

Anfiteatro ao Ar-Livre

**evento associado ao programa educativo do CAMJAP*

PARA OS MAIS NOVOS

**PROGRAMAS ESPECÍFICOS PARA AS ESCOLAS
NO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN:**

Marcação prévia, tel. 21 782 34 22; 21 782 34 57; fax 21 782 30 32
dcerqueira@gulbenkian.pt
www.museu.gulbenkian.pt

VISITAS ESCOLARES ÀS EXPOSIÇÕES NO CAMJAP

Marcação prévia, de segunda a sexta, das 15h00 às 17h00, tel. 21 782 36 20; fax 21 782 30 61
cam-visitas@gulbenkian.pt

ATELIÊS E VISITAS-ATELIÊS NO CAMJAP

Marcação prévia, de segunda a sexta, das 10h00 às 12h30 e das 15h00 às 17h00, tel. 21 782 34 77; fax 21 782 30 61
cam-visitas@gulbenkian.pt

CENTRO DE ARTE MODERNA JOSÉ DE AZEREDO PERDIGÃO

5 E 12, SÁBADO, 15H30

ARTE E NATUREZA: JARDINS INVISÍVEIS

JOVENS PERCURSOS PELA ARTE

Visita-jogo, por Vera Alvelos e Adriana Parda

Dos 6 aos 10 anos | €4,00

6 E 13, DOMINGO, 15H30

A CASA DA ÁRVORE

IDEIAS IRREQUJETAS

Histórias com arte, por Margarida Botelho e Dora Batalim

Dos 2 aos 4 anos + 1 adulto [11h00 às 12h00]

e dos 5 aos 7 anos [15h30 às 17h00] | €4,50

MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

18, SEXTA, 11H00 E 15H00

A ARTE DE CONSERVAR O PATRIMÓNIO

Visitas orientadas, no Dia Internacional dos Museus

Visitas gratuitas

[Para grupos, contactar o Serviço Educativo do Museu]

19 E 20, SÁBADO E DOMINGO, 10H30 ÀS 12H30

FESTA DO MUSEU / FESTA DA VIDA

Vamos festejar e agradecer às gerações do passado tudo o que de bom criaram e nos ensinaram, e que os Museus guardam para podermos transmitir às gerações do futuro. Dos 4 aos 6, dos 7 aos 9 e dos 10 aos 12 anos | €7,5

26, SÁBADO, 14H30 ÀS 16H30

27, DOMINGO, 10H30 ÀS 12H30

REENCONTRAR A NATUREZA – RENÉ LALIQUE

PELOS CAMINHOS DO MUSEU

Vamos passar pelo Parque e observar a luz do sol a bailar no lago, as folhinhas de árvores e arbustos movendo-se agitadas pela brisa, pelo vento ou pelo esvoaçar de um insecto. Depois vamos ao Museu reencontrar tudo isto em René Lalique.

Dos 4 aos 6, dos 7 aos 9 e dos 10 aos 12 anos | €7,5

Clássicos na Gulbenkian | 3 Junho 2007



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

50
1956
2006
anos